

EXONERADO
RIO, 1 (Asp) — O ministro da Marinha assinou uma portaria exonerando o capitão-de-mar e guerra Wilson Accioly. Além do cargo de capitão dos portos do Pará, e designou para substituí-lo o capitão de fragata Lúlio Waltz.

TURISTAS
FORTALEZA, 1 (Asp) — Chegou ontem, a esta Capital, o navio "Kosa da Fonseca", conduzindo 400 turistas. O navio foi obrigado de atracar no porto de Mucuripe e no cal de segurança, tendo ficado ao largo.

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO - 75 ANOS - 2 CADERNOS - 16 PÁGINAS

COSTA E SILVA RESPENSOU PROTEÇÃO MILITAR

Ernany conferenciou com Castelo: Mesa da Câmara

BRASÍLIA, 1 (Asp) — O presidente Castelo Branco reuniu-se esta manhã com o secretário geral da ARENA, Rondon Pacheco, deputados Batista Ramos, Enani Sátiro, estes considerados favoritos como candidatos à presidência da Câmara.

Após o encontro Rondon declarou que representará Costa e Silva, nos entendimentos que se processará. Acrescentou que Castelo manifestou o desejo que a votação prévia dentro da ARENA, pra escolha do candidato, vá até a chegada do último em Brasília, para que todas as bancadas possam pronunciarse.

Ernani Sátiro afirmou que sua candidatura adouiriu mais forças nas últimas horas, com o apoio das bancadas de Minas Gerais e Paraná.

REGRESSO

RIO, 1 (Asp) — O presidente Castelo Branco regressou, ontem, a Brasília, após uma viagem ao longo da rodovia Belém-Brasília, recebendo durante a tarde, no Palácio do Planalto, o Ministro Jurez Távora e o senador Ney Braga.

INVESTIMENTOS

BRASÍLIA, 1 (Asp) — O presidente Castelo Branco assinou o decreto-lei determinando que os Estados, Municípios e Distrito Federal devem fazer com quota do imposto único sobre minerais, priorizar preferencialmente nas áreas consideradas prioritárias para o incremento da produção de minerais.

Tropas de Mão tomaram cantão a bala: mortes

HONG KONG, 1 (A União) — Várias pessoas teriam morrido ou ficaram feridas recentemente quando as forças partidárias de Mão-Tsé-Tung assumiram o controle da província chinesa de Cantão.

A informação foi divulgada pela imprensa de Hong-Kong.

PAZ

VATICANO, 1 (A União) — O papa Paulo VI pediu ao presidente da União Soviética, Nicolai Podgorny, que use os seus esforços para conseguir a ampliação da trégua do ano novo lunar no Vietnam a fim de possível surgimento das negociações de paz. A informação foi dada hoje, por círculos autorizados da Santa Sé.

PACIFICAÇÃO

PARIS, 31 (A União) — O senador norte-americano Robert Kennedy declarou, após uma conferência com o presidente Charles De Gaulle, que os Estados Unidos "se encontrarão em dificuldades muito maiores do que as anteriores, se os franceses rejeitarem um possível papel de pacificação no Vietnam.

Ricou com Bahia liderança do MDB na Câmara Federal

BRASÍLIA, 1 (Asp) — Em reunião da bancada federal do MDB, o deputado baiano Mário Covas, foi eleito por aclamação, líder da oposição na Câmara.

O deputado Oswaldo Lima desistiu de sua candidatura esclarecendo que assim procedia, para que fosse mantida a unidade partidária.

Foi iniciada pela bancada udenista, a votação para a escolha do candidato da ARENA para a presidência da Câmara dos deputados, sendo concorrentes: Batista Ramos, Ernani Sátiro, Djalma Maranhão, Rui Santos e a contagem de votos será feita depois das 24 horas e o vencedor precisará obter maioria absoluta. O senador Moura de Andrade marcou uma sessão para amanhã, à tarde, quando será eleito o novo presidente do Senado.

SOBERANIA

MANAUS, 1 (Asp) — "Durante o meu governo os interesses coletivos estão acima dos interesses pessoais de quem quer que seja. Governarei com os olhos voltados para o interior e defenderei intransigentemente a soberania nacional no que diz respeito à Amazônia."

Estas palavras constam do discurso ontem pronunciado, pelo senhor Danilo Duarte Mattos Arenosa, ao assumir o Governo do Amazonas.

Em seu discurso, o novo Governador fez um apelo aos legisladores amazonenses, no sentido de cumprirem seus deveres, unindo os seus esforços

Lollobrigida presidirá Concurso de Fantasia

RIO, 1 (ASP) — A atriz Gina Lollobrigida é quem presidirá o concurso de fantasia do baile do Copacabana Palace e que estava suspenso há vários anos, tendo sido agora restabelecido.

Somente no desfile da noite há já estão inscritos 26 concorrentes.

Otimismo

RIO, 1 (ASP) — Os principais concorrentes dos desfiles dos grandes bailes, tais como Evandro de Castro Lima, Clóvis Borney, Jean Nacques, Marie Ventre e outros, todos os grandes prêmios dos concursos passados, deram por terminadas suas fantasias e mostram-se otimistas em conquistar os primeiros prêmios nas diversas categorias. Todos desfilarão com diversas fantasias em números bailes, mas apesar de tanta emoção, o desfile do Município é o que mais atraição exerce sobre o grande público.

Os grandes prêmios dos concursos, tais como Evandro, Clóvis e Marie e outros não com correrão este ano com os demais e novatos. Para eles foi criado o prêmio especial "Hors Concours" no Teatro Municipal.

Apesar de terem assinado algumas fantasias para os jornalistas, todos os grandes concorrentes guardam uma ou duas para os maiores desfiles, não fornecendo detalhes do vestuário que criaram.

Assinala por um espírito de coesão e solidariedade à ação que o governador vem empreendendo à frente da administração do Estado, a moção que a bancada da ARENA ontem encaminhou ao chefe do Executivo.

PLANO

RIO, 1 (ASP) — A reunião realizada no Rio em torno do secretário de Segurança e as autoridades policiais encarregadas da repressão dos roubos de automóveis, de quatro Estados e mais as autoridades da Capital Federal, resultou na elaboração de um plano e de sugestões a várias medidas que poderão em muito coibir a ação dos ladrões de veículos e também, do receptado.

Presidência pelo general João de Deus, secretário de Segurança da Guanabara, a reunião contou com a presença dos secretários de Segurança de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e dos delegados de Brasília, ficando estabelecido um plano de ação que terá âmbito nacional e futuramente será conhecido como plano de coesão e solidariedade, que contará com a presença de outros secretários de Estados que não tiveram oportunidade de comparecer a primeira reunião.

O plano de ação elaborado consistirá de várias iniciativas de telecomunicações, do restabelecimento de barreiras policiais e da instalação de veículos e do estabelecimento da Polícia Rodoviária Federal com as Estaduais, além de outras medidas julgadas importantes para restringir o roubo de veículos, que a cada dia torna-se mais frequentes em todo o Brasil.

Cobrança

RIO, 1 (ASP) — O Banco Central anunciou ontem, em 1.º de fevereiro, o fechamento da cobrança de juros de beneficência, das taxas de adições de redescuento e pelos atrasos ocorridos com a fiscalização de recolhimento dos depósitos com



Num vôo rasante sobre a Barra da Tijuca, o avião NA-12.520, da FAB, arremeteu contra um casal que conversava junto a um "Volkswagen", decapitando o delegado da CBD Antônio José da Costa Henrique e ferindo a bancária Nair Pereira Valle, indo cair alguns metros adiante, na praia. Na foto vemos os destroços do aparelho e a notícia vai publicada na 8a. página desta edição.

DESASTRE

Bancada da ARENA manifesta solidariedade ao governador

Comemorando a reunião que ontem manteve com o governador João de Deus, no Palácio da Redenção, a partir das 18 h, a bancada da ARENA na Assembleia Legislativa encaminhou moção ao Chefe do Executivo pa, rubando, renovando a confiança que lhe foi depositada, anteriormente, e prestando, ainda, ao governador, "um preito de justa homenagem pelo a êxito das providências que vem tomando em prol dos superiores interesses de nossa terra".

A moção, lido distribuída à imprensa, traduz, com fidelidade, o perfil do ajuste de conceitos e pontos de vista, que presidiu a reunião de ontem, no Palácio da Redenção, quando, juntamente com os representantes das forças políticas que o apoiaram, o sr. João Agripino participou de importantes conversações. Algumas das quais tiveram em vista a situação política do Estado e a eleição da Mesa da Assembleia, que hoje se realizará.

Confiança e solidariedade

Assinala por um espírito de coesão e solidariedade à ação que o governador vem empreendendo à frente da administração do Estado, a moção que a bancada da ARENA ontem encaminhou ao chefe do Executivo.

A bancada da ALANCA

Removida Nacional (A. PENNA), seção da Paraíba, com assento na Assembleia Legislativa do Estado, no momento em que se instala a sexta legislatura, vem renovar a V. Exa. a confiança que lhe foi depositada ao iniciar-se o seu Governo e prestar-lhe um preito de justa homenagem pelo acerto das providências que vem tomando em prol dos superiores interesses de nossa terra, bem assim, hipotecar a Vossa Excelência (restrita à solidariedade política). Seguem-se as assinaturas dos deputados Batista Brandão, Robson Espinosa, Alvaro Gaudêncio, Octávio Maria Maia, José Braz do Rêgo, Edvaldo Motta, Carlos Pessoa Filho, Edmur Estreia, Clóvis Bezerra, Jonas Leite Chaves, Inácio Bento, Francisco Souto, Egídio Madruga, Antonio Santia, Luiz de Barros, José Lacerda Neto, Antonio Quinho, Assis Camelo, Agnaldo Veloso Borges, Augusto Ramos, José Pereira, Nivaldo Brito, Epitácio Pereira.

Os vinte e quatro deputados acima enumerados, que ontem assinaram a moção de solidariedade e confiança ao governador João Agripino, são aqueles que pariciparam da reunião de ontem em Palácio.

Logo após os entendimentos que se processa

RIO, 1 (ASP) — "Abram, por favor, não preciso de isolamento. Sou um homem do povo" — disse o marechal Costa e Silva, ao ser cercado por enorme multidão, logo após descer do avião, rompendo os cordões de isolamento, desfazendo todo o esquema estabelecido pela administração do Galeão.

O avião que trouxe o presidente eleito chegou com um atraso de 25 minutos e o seu desembarque foi tumultuado pelo rompimento do esquema de recepção, com a invasão dos recintos onde deveriam permanecer apenas os oficiais-generais corpo diplomático e parlamentares.

O marechal Costa e Silva surgiu na porta do avião acenando com as duas mãos e desceu os primeiros degraus parando na metade da escada em posição de sentido para ouvir a saudação executada pela banda da Aeronáutica. Terminada a saudação, desceu até o final da escada e foi logo cercado por numeroso grupo de pessoas, onde predominavam as senhoras e não pôde continuar pela sua sala de soldado, conforme rige o protocolo, porque teve de abraçar as milhares pessoas. Um dos oficiais tentou restabelecer o protocolo, mas nada conseguiu.

Multidão Entusiasmada

Depois de cumprimentar todos o presidente Costa e Silva dirigiu-se para o local onde se encontravam os ministros do atual Governo, cumprimentando-os, seguindo sempre dos mesmos oficiais-generais, diplomatas e parlamentares, dirigindo-se logo após para fora do alambrado, onde novamente foi cercado por uma multidão entusiasmada.

Mal tendo transposto o alambrado, recebeu um novo esquema de segurança que havia sido reformulado por inúmeros oficiais à paisana, tornando um cordão de isolamento, quando, então, em um gesto benévolo para que fosse desfeito o cerco, comentando de bom humor, que não precisava de isolamento, pois é um homem do povo.

Sempre rodeado, já agora também de jornalistas e fotógrafos, o marechal Costa e Silva caminhou vagorosamente, cumprimentando um por um as personalidades que se encontravam ao longo da calçada do pátio interno, até chegar ao automóvel que se encontrava no meio setar no, durante neste trajeto, 40 minutos. O marechal atendeu também a inúmeros populares, cumprimentando-os.

O marechal não se desculpou da imprensa e respondeu às perguntas formuladas pelos jornalistas, com frases breves e curtas, pois já demonstrava bastante cansaço.

Perguntas e Respostas

As primeiras perguntas versaram sobre a sua viagem e se a mesma teve início, tendo o futuro presidente informado que do Brasil destruiu hoje um alto conceito internacional, pelo menos nos lugares que visitou, nestes 45 dias de viagem. Há uma grande esperança no Brasil?

Quando a sua viagem, disse que breve faria novas revelações.

Sobre os futuros investimentos, disse o marechal Costa e Silva que os mais prováveis serão os que poderão vir do Japão, Alemanha Ocidental e Estados Unidos. Não quis entretanto comentar outros detalhes, dizendo que a ocasião não era propícia. Relembrou que teve conversas com chefes de Estado e personalidades conde na Ta. pa.

Em comemoração à passagem do 75.º aniversário de fundação deste município, circularão hoje, com uma edição especial de dois cadernos, em dezesseis páginas.

Outrossim, o expediente da Redação, Gerência e Oficinas do Departamento de Publicidade, será normal no dia de hoje.

O marechal não se desculpou da imprensa e respondeu às perguntas formuladas pelos jornalistas, com frases breves e curtas, pois já demonstrava bastante cansaço.

Perguntas e Respostas

As primeiras perguntas versaram sobre a sua viagem e se a mesma teve início, tendo o futuro presidente informado que do Brasil destruiu hoje um alto conceito internacional, pelo menos nos lugares que visitou, nestes 45 dias de viagem. Há uma grande esperança no Brasil?

Quando a sua viagem, disse que breve faria novas revelações.

Sobre os futuros investimentos, disse o marechal Costa e Silva que os mais prováveis serão os que poderão vir do Japão, Alemanha Ocidental e Estados Unidos. Não quis entretanto comentar outros detalhes, dizendo que a ocasião não era propícia. Relembrou que teve conversas com chefes de Estado e personalidades conde na Ta. pa.

Em comemoração à passagem do 75.º aniversário de fundação deste município, circularão hoje, com uma edição especial de dois cadernos, em dezesseis páginas.

Outrossim, o expediente da Redação, Gerência e Oficinas do Departamento de Publicidade, será normal no dia de hoje.

75 anos de fidelidade e lutas pela Paraíba

Alvaro Machado, a quem estaria reservado o papel histórico de consolidador da República na Paraíba, presidiu-a. Substituiu Venâncio Neiva no comando político e administrativo do Estado, pois o nosso primeiro mandatário, depois da Proclamação, fora deposto, cedendo lugar a uma junta governativa composta de Eugênio Tusciano, de Joaquim Fernandes de Carvalho e do coronel Savaget.

Deixou a queda de Gama Rosa, com a monarquia, ao governo atribuído de Venâncio, passando pela interinidade do desembargador Fúnsere, e até a ascensão desse triunvirato, se estrechocavam na província as facções e as lideranças. Tal era o desentendimento reinante, o empenho pelas posições e privilégios e o interesse público sendo sacrificado em favor do de grupos e pessoas, que mal se distinguia republicanos dos remanescentes do regime decadente. Eram apenas conveniências e renovadores porfiando pela

preponderância política. Impunham-se, quanto antes, uma pacificação dos espíritos. E para alcançá-la o nome de Alvaro Machado foi lembrado.

Culto e inteligente, oficial superior do Exército, em cujo corpo gozava de prestígio por ser cidadão de pulso firme mas ao mesmo tempo moderado nas atitudes e sobeto de padrões, sua escolha encontrou receptividade geral. Não se fez esperar seu bom êxito na missão difícil que lhe confiaram mentores do poder central e líderes mais responsáveis da vida partidária estadual. Não se esforçou, porém dispensando o melhor do seu discernimento e habilidade, salvar a terra natal das dissensões intestinas que a distanciaran tanto dos primados da ordem e do progresso. Acercadas do grande chefe, sob a mesma bandeira partidária, harmonizadas mostravam-se as correntes litigantes. Valera, para a consecução do patriótico objetivo, sua lon-

ga experiência da caserna, o conhecimento dos homens e sua longa permanência nos centros mais civilizados do país.

Mas, para estimular a vivência em comum e tornar mais duradoura essa aliança interpartidária, não se fundara o Partido Republicano. Alimentara, de pronto, a ideia da instalação de um órgão de imprensa que servisse de porta-voz à agrilação e ao governo, levando-o a uma maior penetração no seio do povo e neste melhor incutisse os princípios doutrinários triunfantes com o movimento de 1888. A empresa foi entregue à capacidade organizadora de Tito Silva. E Gama e Melo escreveu o primeiro editorial do jornal que, nascido sob o signo de uma união fraterna, da ordem social, da paz política e do sentimento de integração nacional, não poderia ter outro nome senão este — A UNIÃO, 2 de fevereiro de 1892 — uma esperança. 2 de fevereiro de 1967 — uma realidade: 75 anos de fidelidade lutas pela Paraíba.

75 ANOS



HISTÓRIA CURTA

DE UM

JORNAL - HISTÓRIA

A UNIÃO nasceu numa época em que existiam mais jornais do que leitores. O "Estado da Paraíba", "A Gazeta", "A Pinça" e outros mais, todos com nomes que indicavam o espírito polémico da época. Era o tempo em que jornal era mais opinião do que notícia. O leitor adquiria o jornal mais para ler a espinhafrada de um articulista sobre outro do que para ver o que se passava em termos de informação. E sabendo disso os jornais se limitavam a divulgar alguns despatches vindos pelo telegrafo do Rio e por ouvir dizer do Exterior. A tomada da Austria pelos alemães de 1914 deve ter chegado à Paraíba muitos dias depois da sentada a poeira. Eramos uma ilha onde só as questões domésticas interessavam.

Foi nesse clima, isto é, vinte anos antes da guerra de 14, que nasceu A UNIÃO, num momento em que se instaurava a República, trazida à Paraíba também por ouvir dizer.

Contam que Albino Melra chefiara à redação de "A GAZETA", do modo mais descançado possível, e como se nada tivesse acontecido, saiu-se com este, dirigida ao diretor do antigo jornal: "Você já soube que Dom Pedro foi deposto e que Decodoro assumiu, instalando o governo republicano?"

O diretor do jornal sentado estava, sentado ficou. Tanto fazia mudar o regime como faltar água na Fonte do Tambá.

Depois é que começaram a arrumar a casa, vindo a Paraíba o major Álvaro Machado, que assumiu o Governo.

A UNIÃO foi fundada, nessa época, numa Paraíba em que tanto fazia Dom Pedro como Decodoro.

AMBIENTE

O primeiro número do jornal encontrou a cidade ainda plantada na colina. O ambiente era de pouca casa e muita fala, o grosso do pessoal reunido no café da Rua Direita, onde hoje é o Cinema Rex e o restante pela Rua Nova e ainda pela rua das Convertidas, atual Maciel Pinheiro. Na cidade alta o mundo intelectual e dos negócios da Administração; na cidade baixa o comércio de casas portuguesas, secas e molhadas e rinhos do Reino. Os perfumes e sedas vinham de Paris; vinhos, queijos e alguns condimentos de Portugal. As letras eram de importação portuguesa, que por sua vez também importava de Paris. Era a época dos folhetins e dos artigos longos, onde o jornalista era mais uma introspecção do que um entortido.

A UNIÃO

A UNIÃO funcionou, em sua edição inicial, na rua da Cadeia atual Visconde de Pelotas. Surgiu da fusão de dois partidos políticos, unidos com a vitória do movimento republicano. Como seu fundador era republicano, o major Álvaro Machado, ao assumir o Governo A UNIÃO ficou sendo jornal oficial. Era o portavoz dos fatos políticos e administrativos da nova ordem, reunindo alguns espíritos arejados da época. Inclusive o latinista Tito Silva, que ficou com a gerência do novo órgão.

Acompanhando o ritmo dos outros jornais, também era mais veículo de opinião do que de informação. As suas notícias, dadas na primeira página, variavam em torno das idéias e vindas do

Presidente ao veraneio de Ponta de Mato, cujo veículo era o trem. Todos os fins de semana o Presidente e seus áulicos deixavam o Palácio dirigiram-se à Estação Conde d'Eu, dando oportunidade a lanços brancos e salamaleques bejulatorios.

As outras notícias giravam em torno da chegada de um procer político ou da vinda de um acadêmico da Paraíba que chegava em visita à família, vindo da Escola de Direito de Olinda.

O restante das páginas, que eram quatro ao todo, era mais de publicidade do que de textos comuns: Verrara & Cia., artigos de perfumaria, fábricas de suspensórios e de sabão, elixir contra todas as febres, inclusive inchaço e reumatismo, tudo isso ocupava mais da metade do espaço do antigo jornal.

CONSOLIDAÇÃO

Passando, anos depois, para não enlugar, A UNIÃO entrou em regime de consolidação para ser a primeira dos seus leitores. A Paraíba já começava a assimilar o hábito de comprar, regularmente, o seu jornal. Enquanto outros jornais cumpriram visita efêmera, A UNIÃO, sem intermitência, ganhava a confiança do público ano a fio.

Apesar de pertencer ao Governo, representando, portanto, a facção oficial, constituiu-se em jornal para todos, abriltando em sua redação os melhores valores da época.

FASE AUREA

Históricamente, foi no Governo Castro Pinto a fase em que A UNIÃO ganhou foros nacionais, chegando a estabelecer polémica com jornais do Rio. A Paraíba dizia e o Rio de Janeiro respondia. Comandava o melhor oração o "causer", Carlos Dias Fernandes, uma das figuras humanas mais interessantes do Nordeste. Seu melhor perfil não teve menos autor do que Gilberto Amado, que chegou a conhecer Carlos Dias em Recife, este recolhido a uma praia de Olinda, o embaixador ainda estudante de Direito, àquele tempo laborando no "Diário de Pernambuco".

De tal importância se tornou A UNIÃO que chegou a ditar moda em literatura e tudo mais na antiga Província. As melhores expressões intelectuais do tempo foram consultadas pelo diário, inclusive Leonardo Smith, Rodrigues de Carvalho e outros valores que pertencem hoje às antologias literárias da Província.

Foi a partir daí que A UNIÃO transformou-se em Escola.

Falando dela, anos depois, José Américo não teve outras palavras senão estas: "Antes da sua Universidade, a Paraíba só possuía uma: A UNIÃO". João Lelis, em "Males e Menores" diz que "ali se exercitam as melhores vocações da Paraíba".

LANÇADEIRA DE NOTÍCIAS

Passada a fase áurea, em que a vez era mais das inteligências brilhantes (como se dizia) de que dos caçadores de notícias, A UNIÃO entrou numa fase mais nova, eminentemente jornalística: a do noticiário compacto em suas primeiras, terceira e quinta páginas. Para isso havia eclodido a II Grande Guerra. A UNIÃO passara à única lançadeira de notícia para a Capital e todo o Estado, contando, já, com serviço radiotelegráfico regular e bons reescrevedores.

A Retirada de Dunquerque, Pearl Harbor, a Batalha de Stalingrado, a V-2, a Tomada de Paris, o Bombardeio de Londres, a entrada dos Estados Unidos na Guerra, tudo isso eram manchetes em corpo alto com texto longo e detalhado do grande Jornal. A Paraíba acompanhava o que se passava na Europa através do seu melhor matutino.

FASE BATIDA

Transposta a fase dos grandes títulos, passou A UNIÃO, no Governo de José Américo, a ser um misto de informação e de coluna. Dirigida pelo jornalista Juarez Batista, o jornal pôde conciliar o acervo de notícias batidas com crônicas, diários, dário próprio, Genolino Amado, Ribem Bross e José Lins do Rêgo. Cada Poder mantinha a sua coluna.

Foi quando entrou num equipamento completo de rotoliana Goss, máquinas automáticas para obras, teletipsetar e outros equipamentos de fundamental importância.

ESCOLA

Transcorridos, hoje, 75 anos de circulação, a imprensa interrompida no Governo José Linhares, em cumprimento à disposição legal, A UNIÃO conseguiu ser história e jornal ao mesmo tempo. Seus arquivos constituem fontes para a pesquisa sociológica, política, econômica, etc.

Até o tempo, se fez Escola de Jornalismo, sendo hoje a melhor exportadora de mão de obra para as redações de outros jornais.

Mais de 50 por cento do pessoal de imprensa que milita na Paraíba pertenceu ou pertence aos quadros do velho jornal.

TEATRO AMADOR EM JOÃO PESSOA

Até o ano de 1953, há mais de 10 anos, portanto, o teatro em João Pessoa, mesmo sendo um amadorismo em melhores condições que o de apresentar um texto no palco da Santa Rosa, seja de que se trata, se definia como sendo uma arte que em outras terras, notadamente no Sul do País, já se encontrava em situação de poder aguilatar a valorização de si mesma, partindo das experiências vividas em sociedade, com Gianfrancesco Guarnieri, Millôr Fernandes, Oduvaldo Vianna Filho e outros. Nesses dias, mesmo que existissem grupos como o Teatro do Estudante da Paraíba e o Teatro Popular de Arte, naquela base a que nos referimos acima, não havia ainda uma afirmação social para o nosso setor teatral, apenas, pequenos grupos de uma revolta interior, que se manifestava nos Dias Gomes com o PAGADOR DE PROMESSAS, mandado pelo TEP. Agora isto, os jovens amadores daquela época não se importavam com a revolução que nos poucos vinhos transformando o teatro brasileiro, com relação ao aspecto do tratamento dado às montagens, na procura de minúsculas e efeitos modernos, riqueza de detalhes em face de experiências nas situações com a criação dos novos conceitos para a nossa arte teatral. Cada montagem assumia um critério novo de encenação teatral. Luzes, figurinos, cenário, enfim, aquilo que entrava em primeiro plano para a idealização do moderno teatro brasileiro. Entretanto, João Pessoa prosseguia com o seu teatro sem nenhuma situação de modernidade plausível, de vez que o setor não procurava estudar ou aguilatar a importância cultural que o teatro requeria para a nossa gente.

Em 1958 realizou-se no Teatro Santa Rosa o I Festival de Arte Dramática, com a participação de vários grupos teatrais. O festival possuiu o maior destaque de importância para uma renovação artística no nosso teatro, as peças em sua maioria eram estrangeiras, as montagens adequadas, sem nenhuma experiência para um critério de assimilação social, dentro do contexto histórico de então. Neste período, os grupos de teatro possuíam se contentavam para encenarem uma fórmula de sobrevivência no tempo e no espaço. A fim de assinalarmos um critério histórico para a vida do teatro paraibano, essencialmente amador, podemos apontar aqui as peças representadas no antigo e renomeado Teatro Santa Rosa que marcaram época na nossa arte cênica. Todas elas em datas posteriores ao ano de 1963, já que anteriormente as nossas montagens teatrais pouco ou nada significaram para uma partida em busca de uma renovação, pois falar em renovação, naquela época, seria apelar para uma revolta ínfima, do que faziam o teatro amador em João Pessoa, embora a maioria das quais, nos nossos dias, já tenha alguma consciência do teatro que o Brasil precisa — teatro dentro do nosso contexto social — agora alguns que se limitaram a apenas estudar estas situações, sem no entanto procurarem uma dedicação com mais força de expressão artística, o que ainda é tentado tenazmente nos dias atuais — em meados e mais um pouquinho desta década do século XX. Assim sendo, eis a lista de peças representadas em João Pessoa, no decorrer de 1960 para nossos dias: O PAGADOR DE PROMESSAS, de Dias Gomes, encenada em 1963 pelo Teatro do Estudante da Paraíba e com Waldes Silva no papel de "Zé do Burro"; A FARSA DA BOA EREQUICA, de Ariano Suassuna, pelo Teatro Universitário, encenada em 1963, sob a direção de Roberto Teixeira e com Ednaldo do Egypcio no papel principal; AUTO DA COMPADECIDA, de Ariano Suassuna, em 1964, sob a direção de Cláudio Wanderley, pelo Grupo Oficial do Teatro Santa Rosa, que fazia a sua segunda apresentação (a primeira tinha sido SENHORA DOS APOGADOS de Nelson Rodrigues, numa montagem de nossa presença) e com Anco Márcio no papel de "João Grilo"; O NOVOIO, de Martins Pena, em 1965, pelo Teatro Universitário, sob a direção de Rubens Teixeira, com Nélia Silveira no papel principal e finalmente, O CASAMENTO DE BRANCO de Altamar de Alencar Pimentel, pela Juventude Teatral de Cruz das Armas, com Ednaldo do Egypcio num papel que consideramos como principal. Todas as estas encenações gravitam em torno desses espetáculos, e entre eles, existem também bons textos e algumas encenações, sem no entanto oferecerem um grau de notabilidade superior aos trabalhos por nós apresentados, para fixarmos nesta seleção histórica um marco principal do nosso entrançado teatro amador. E se estas situações entrassem no teatro de outras cidades paraibanas, certamente marcaria bem.

Como sabemos, Natal, Aracaju, Maceió e Fortaleza não possuem um teatro completamente aberto ao povo, mantendo-se ainda em princípios das calçadas da noite, isto ainda na presente conjuntura. E se o teatro em João Pessoa é fraco, artisticamente, mesmo assim, há uma forte consciência para os elementos já presentes pelo menos uma consciência e revolta do verdadeiro teatro — isto é o que pensamos. Como sa-

Expêditio GOMES

bemos, Natal, no Rio Grande de Noite passa por séria crise, quando o setor teatral se vê às voltas com certos IGRÉJAS mandantes, cujas diretrizes são emanadas do Teatro Alberto Maranhão, que tem como capitão-mar o todo-poderoso Mira. Pires, possuidor de uma cultura teatral das mais vastas, porém, muito fora da realidade brasileira no que concerne ao ponto de vista de um teatro como expressão nacional, social vigorosa e acima de tudo moderno. Em Maceió, dona Elinda Mascarenhas, toda-poderosa local, proprietária da ATA, faz o que quer os setores teatrais, pois somente ela consegue strair os capitais do SNT, afors ser possuidora de alguma cultura teatral, e ainda assim, fora do nosso tempo. Por outro lado, em Recife ainda se fala na ditadura dos Olivieras porém, acreditamos todos eles já superados, financeira e artisticamente para imoverem numa cúpula que viria de muitos anos mandando no teatro recifense. Agora o Teatro Popular do Nordeste de Hermilo Dorba Filho, atual figura em toda região, ainda existe ali o Teatro Universitário e o DANORTE, sem muitas possibilidades de uma vida muito longa. Em Fortaleza, o Teatro José de Alencar encerra também se impor aos que aparecem para disseminar o teatro naquela cidade.

Dizemos que existem outros trabalhos gravitando em torno das encenações por nós apontadas para firmarem como marcos na história de nosso teatro. Em meio a essas encenações encontramos também inúmeras peças estrangeiras, que merecem ao menos ser lembradas, não pelo aspecto de suas montagens, mas por assinalarem passagens pelo setor teatral pernambuco pelos seus textos ricos em conteúdo, os quais não sabemos ainda dar o devido tratamento a fim de que eles disseminem amplamente entre aqueles que quiseram expressar, através da linguagem teatral tradicional ou não. Entre essas obras vemos encontrar um Brecht pouco explorado, um Molière maltratado e outros dramaturgos menos visados. E por isso, não nos assinalamos as montagens desses autores, não por uma questão de sectarismo, não por uma exclusividade acerca do autor nacional, apenas por entendermos que nossos diretores (inclusive nós, que chamamos a RASPAR em Ghelebronde e Casaca) ainda estão longe de um estado mais amadurecido sobre a linguagem estrangeira, mormente no que diz respeito a estilização, aos gestos imperiosos e sem nenhum equilíbrio, pois mesmo que estes milhões de milhões com um figurino estrangeiro sempre encenados, menos deficiências das mais ínfimas na concepção de grandeur e cenário. Por isso tudo e por mais algumas coisas (coisa, aliás, e das mais importantes) temos que trabalhar muito para a sobrevivência do nosso teatro, evidência dos nossos autores, entretanto de nossa literatura teatral em.

Em 1960, surgiu a I Semana de Teatro da Paraíba numa fase da vida paraibana das mais sombrias, politicamente falando. Governava o Estado o Sr. Pedro Gondim e na direção do Santa Rosa, o sr. Hélio Pedrosa. E neste ano, que para a sobrevivência de nossas Semanas de Teatro, foram necessários os trabalhos, não de um ou dois, mas de uma corrente bem entrosada com o Palácio e com os meios políticos de então. E quando, a arte tem que apelar para recursos alheios à estética. Mas fomos para a frente, com vigor e carinho pela Semana. O certo é que atingimos no ano passado, no governo, do sr. João Azeiteiro, a VI Semana, já com uma luta das mais desesperadas ocasionada pela falta de crédito na SEC, que contribuiu anualmente para sua realização. Poderíamos assim dizer que as STP tiveram grande importância para o que o setor teatral pernambuco chegasse ao ponto em que estamos. Perguntamos: em que ponto estamos nós?

Realmente, é tudo muito simples de responder, o que sabemos ser mais complexo para os mais otimistas. O ambiente teatral em João Pessoa, não menos, já deixou de ser primitivo de uma IGRÉJINA. Pelo isto, temos hoje em dia três críticos do posto de um Carlos Antônio Aranha, Marcos Vinícius de Andrade, Marcos dos Anjos, Pedro Santos, Eládio Navarro, todos eles unânimes com este novo estado do teatro brasileiro de após movimento de abril de 1964 até o instante em que encerramos esta seleção de Hélio Pedrosa esperava sua carta de afórria do Teatro Santa Rosa. Com a saída de Hélio, encerramos nos seu novo superior compreendida a necessidade de ainda mais ampliar nosso teatro, de melhor nível dos grupos amadores da cidade, de amparo a alguns poucos amigos de incentivo aos jovens amadores da terra, não com cursinhos isolados a critério de alguns professores, mas de apoio e incentivo para os jovens universitários do velho Santa Rosa, possibilitando a vida de professores brasileiros nos estados, a par de nossos problemas das universidades do teatro amador e, finalmente, atingir para a nossa cultura, o que não poderemos fazer sob a mira irritante de uma política voraz e sobretudo vacilante.



MARTINS PENA: "Judás em Sábado de Aleluia". Da estréia desse espetáculo até agora, o teatro paraibano evoluiu. Para 67 as perspectivas são melhores: dois espetáculos participaram às peças infantis.

SITUAÇÃO DO TEATRO BRASILEIRO

Luiz Carlos MACIEL

Não estamos numa FASE DE GRANDE EXCITACAO. Na atmosfera do teatro brasileiro, respira-se a frustração de algumas das principais esperanças que o animaram nos últimos anos. O este teleno de nossas melhores companhias e de suas figuras maiores — das de geração que aliamos a sua maturidade no Teatro Brasileiro de Comédia e que, hoje, donos da nossa palcos — desenvolvem num comercialismo fiel, astucioso pelas dificuldades financeiras. O movimento para comprometer-se na ação efetiva e levá-lo ao novo foi quase silenciado pelas garras estupidas e terroristas culturais, hoje institucionalizado em todo o País.

Não faltam exemplos, quando o presidente Castelo Branco, de quem se afirma ser um homem de cultura, escolhe para as suas visitas ao teatro os diestros comecialistas mais iniciais — ou pior-nestados — para a evolução cultural do teatro brasileiro, não se trata de um acaso. O prestígio oficial a subverter a realidade bem compreendida e envolva em papel de luxo, colabore para com a irrupção da verdade e da arte e arrojada, colocando uma voz cuja função, em toda a História, foi sempre a de pronunciar a verdade.

Temos uma pista clara: a do teatro popular. Como, porém, defini-la, realmente no Brasil de hoje? Nossa crecha num teatro popular há de ser, antes de

tudo, nossa crença no direito à liberdade de criação e do exercício do poder, do teatro e de toda arte para o protesto justo, o debate aberto e a exortação anônima. Só está no ser, hoje, o nosso ponto de partida.

Esse modo de produção tem conduzido nosso teatro a um destino aparentemente inevitável: o reinado do dispositivo comercial vendido a preços assombrosos para platéias diminutas. A burguesia dona do teatro, recorrendo para seu divertimento exclusivo. E nela que a bilheteria confia.

O artista de teatro, no Brasil, aceita a injustiça de limitação violenta do público para sua arte, concorda com o diálogo estéril e superior a um compromisso, pela ausência de criar, de experimentar sua liberdade e a oportunidade de propor a diante dos outros. Sua carreira, entretanto, é uma luta sem interrupções contra a frustração. A marginalização de nos sa classe teatral é um tema amplo e importante que ainda espera estudo. De qualquer maneira sua alternativa fundamental é a criação de um teatro de livre-empresa, baseado na mobilização do capital privado e no rendimento da bilheteria. Por ora, nos tempos asseculares que se tornam, evidentemente, e cada vez mais, de um teatro burguês, feito para e burguesia e distanciamos controlado por ela. Não se, evidentemente, não somos originais: é o que acontece em todos os países capitalistas. O aliquid das casas de espe-

taço, encenador e colaborador de todos os colaboradores do espetáculo, que permanece como um acontecimento excepcional na história do teatro de nossos dias. Não se trata, evidentemente, de tentar imitar Brecht embora não se possa deixar de tão como tentação autêntica. Mas seus objetivos devem ser os mesmos: a fusão perfeita de criação dos textos e a criação cênica, o estabelecimento de uma nova relação entre o palco e a platéia, a eclosão de um novo teatro, identificado com seu novo público e dono de uma visão mais profunda do mundo.

Aqui cabe colocar a responsabilidade da crítica. Uma das primeiras missões de nossa crítica — se ela pretende realmente contribuir para o desenvolvimento do teatro brasileiro — é a de abandonar o método do isolamento sistemático. Uma crítica, responsável como o teatro que desajamos, deve ser crítica, teórico principal essa perspectiva. Não se trata apenas de recomendar ou não. Trata-se de libertar-se ao culto do espetáculo-fetiche e de exigir um novo tipo de comunicação teatral, para resgatar nosso teatro de uma condição anacrônica e insustentável.

(TRECHOS DE UM ARTIGO DO CRITICO LUIZ CARLOS MACIEL, PUBLICADO NO MAIS RECENTE NUMERO DA "REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA").

DE COMO UM CACHIMBO E UM FORD 29 FIZERAM SUCESSO DENTRO DO CINEMA ESPIRITUAL

(departamento de pesquisa de "papo firme"
especial para "a união")

As origens do Cinema Paraíba remontam ao historiador e folciorista Walfrido Rodrigues que, utilizando uma câmera idêntica à utilizada por Lumière, captou a solene passagem do Zepelin nos céus paraibanos lá pelos idos dos anos 20/30. Mas não só o Zepelin foi digno das lentes do professor Walfrido. Getúlio também pousou para ela com seu enigmático sorriso catatorial, tendo ao seu lado o famoso homem de imprensa dr. Lourival Fontes. O TROTOIR das solteirinhas, na Praça João Pessoa, também teve sua vez nas possantes lentes walfridianas, e assim, igualmente, o chapéu côco, o ford 29 (introduzido na província pelo ilustre transportador Júlio Martins) as salas rendidas das mocinhas casadouras, as bengalas de castiço de ouro, sem falar nos fragues e cartolas usadas pelos políticos e outros senhores de menor procedimento. Outra tomada clássica é a chegada da Draga que veio fazer os serviços de limpeza do canal do Pôrto do Capim — de saudosa memória e angústia do presidente Epitácio Pessoa.

Dos anos 30 aos 50, nada se pensou na se fez em termos de cinema em nossa província. Cuija da situação caótica porque passava a humanidade naquela época: Getúlio e o Estado Novo; a guerra civil espanhola; a II guerra mundial e a da Coreia; a paralisia infantil e a gripe asiática; a cura da tuberculose; a nova moral suáve e o avião a jato: o NOUVEAU ROMAN e o cinema colorido; o Tribunal de Nuremberg; as primeiras pesquisas espaciais e, especialmente, a decadência da libra esterlina e o "derrame" dos AMERICAN DOLLARS que vieram influir na "economia dos países ditos e havidos como subdesenvolvidos".

SUB O SIGNO DO CACHIMBO

Egresso das novelas da Rádio Difusora Tabajara, formado pela Faculdade de Direito da Paraíba e curso de especialização de cinema nos livros de Georges Saouli e José Rafael de Menezes, irrequerente assíduo do velho Cine-Theatro São Pedro, surge na década de cinquenta o jovem Linduarte Noronha, que, interessado por fotografias e cachimbos, reiniciou o ciclo cinematográfico paraibano, desta vez ligado ao cinema novo esboçado lá pelas bandas do sul por um grupo de cineastas de formação tipicamente europeia. Naquela época foi só teoria, pois o filme da segunda fase do cinema tabajara só iria ser feito nesta nossa década. E daí foi um não terminar mais de se pensar e fazer cinema.

"Aruanda", 1º filme do cinema novo, abriu campo para a formação de uma geração dedicada às coisas de cinema. A sua sombra surgiram João Ramiro Melo e Vladimir Carvalho como diretores, Wills Leal e Geraldo Carvalho como argumentistas, críticos e ensaístas, Jurandy Moura foi a revelação de crítico cinematográfico e "enfant terrible" do cinema novo paraibano. Depois foram outros: Paulo Melo, Antonio Barreto Neto, Virgínia da Gama, Carlos Aranha e Sávio Rolim, Mar-den Rolim, também.

CINEMA & INDÚSTRIA

"Rômetros da Guia", "Cajueiro Nordestino" e o festejado "Aruanda" apresentaram-se pioneiros no campo das realizações. Prêmios em festivais da Europa, citações de renomados críticos em jornais especializados, atestaram a evidência de um cinema nestas terras que Martin Leitão soube tão bem colonizar.

A implantação da Indústria Cinematográfica Paraíba surgiu no ano de graças de 1963, quando um grupo de cineastas cariocas, tentados pela rica temática nordestina e facilidades econômicas, aportou na nossa mui graciosa Cidade do Ponto de Cern Réis e, juntamente com elementos ligados à Universidade da Canadá, botaram e realizaram o 1º filme em bases comerciais do Nordeste brasileiro. Deve-se ao escritor (hoje cineasta) Virgínia da Gama e Melo e ao ex-governador (hoje poeta e deputado federal) Pedro Moreno Gondim as condições para a realização do filme "Menino de Engenho" que, premiado nos festivais de Niterói e Karlov Vary, abriu perspectiva para a já conceituada Indústria Cinematográfica Paraíba. Seus realizadores

penhoradamente agradeceram a colaboração aos citados homens de letras negociáveis.

SURGE UM MOVIMENTO

Em contraposição ao Cinema Novo um grupo de cineastas e intelectuais desenvolveu um movimento de arte cinematográfica, cujo teórico Wills Leal chamou de "Cinema Espiritual", isto é: aquele cinema que é feito do espírito para o espírito, não significando que exista uma realização material. Cinema tipo a Conceição da música "imortalizada" pelo mortal Caubyca Petróto, que se existe, "ninguém sabe, ninguém viu".

REALIZAÇÕES E AFIRMAÇÕES DO CINEMA ESPIRITUAL

Este movimento cinematográfico realizou plenamente o sonho do cinema novo: produções em série, estudos, separamentos de produções e aquelas coisas necessárias ao desenvolvimento de uma indústria. As redações dos jornais foram transformadas em centro de produções e laboratórios de fazer inveja aos estúdios de Hollywood (E.E.U.U.), Cinecittá (Itália) e Pinewood na veia Inglaterra. A técnica de filmagem foi aperfeiçoada. O Cinema Educativo, com o sr. João, Córdula (enríscito inventor de uma máquina de enrolar filmes e um processo moderno de revelagem e lavagem de coplões) à frente e os uma equipe especializada e financiada pelo governo, vem prestando ao Cinema Espiritual uma assistência digna de elogios, desenvolve um programa de facilidades e patrocina cursos e experiências com os modernos equipamentos existentes, ao contrário do Departamento de Difusão Cinematográfica da Universidade Paraíba, que arquivou a mais moderna câmera cinematográfica que se conhece.

PEACE-CORPS E CINEMA ESPIRITUAL

O "Peace Corps", órgão do governo dos Estados Unidos para os assuntos "culturais" da C.I.A. resolveu estender seu programa de "auxílio" ao Nordeste brasileiro, desta vez junto à florescente indústria do cinema espiritual. Mr. Les Aron, com vasta experiência de "moviemann", formado pela UCLA (Califórnia) foi o elemento escolhido para dar uma "mãozinha" aos jovens cineastas paraibanos. De início, Mr. Aron, como técnico em truncagem e outras bossas, interessou-se pelo filme "Libertação", de Carlos Aranha, e "truncou-o" completamente. Isto é: estraiu e tornou imvestível toda a sequência inicial do citado filme, que levou dois anos em filmagens. O Comitê de Atividades Anti-Cinematográficas, representado pelas alunas da Faculdade de Filosofia, protestou e enviou cópias aos responsáveis pelo "C.I.A." e "Peace Corps". Comunicou-se, ainda, ao Departamento de Estado dos E.E.U.U.

FINANÇAS, NEGÓCIOS & ESPIRITO

A "News Economic Service", revista especializada em finanças de Wall Street (Nova York), incluiu o nome do sr. Marcos Odilon Ribeiro Coutinho como o 2º colocado, na sua relação dos dez homens de negócios que se distinguiram, durante o ano de 1966, no mundo inteiro.

Pela 1ª vez um nome brasileiro, e especialmente nordestino, integra aquela publicação especializada em "finanças & negócios". Comentase nos círculos econômicos notáveis que o sr. Marcos Odilon, produtor cinematográfico da Paraíba (Nordeste do Brasil), em poucos dias dominará todo o mercado comum europeu e norte-americano. Por outro lado, segundo noticiário econômico da B.B.C de Londres, o sr. Marcos Odilon estaria cotado para a direção financeira e espiritual da famosa "Organização Rank", além do cargo de vice-presidente consultivo, que atualmente exerce, da "Paraíba Produções Cinematográficas Espirituais Ltda".

FURO & EXCLUSIVIDADE

Do "Cinema Espiritual", o Departamento de Pesquisa de PAPO FIRME com seguilo reunir e classificar todos os filmes REALIZADOS durante o ano de 1966 e apresento com exclusividade os filmes que foram alvo de manifestações internacionais pelo grande público e crítica especializada:

OS FILMES ESPIRITUAIS DE CURTA METRAGEM

MANGUE — (1º filme do "Cinema Espiritual" e prêmio do Ministério de Educação) — Dir. de Linduarte Noronha — Prod. Universidade Federal da Paraíba.

AÇUCAR BRANCO (Prêmio de

Guarda Vermelha Chinesa pelo tema que aborda: uma minoria de sábios sapia ruda por uma maioria de rufões e cambiteiros) Dir. de Julio Vieira — Prod. Renato Ribeiro.

UMA AVENTURA CAPITALISTA — (Prêmio do Festival Japonês para o melhor filme estrangeiro de aventuras) Dir. Barreto Neto — Prod. da Cia. Cinematográfica "Salários da União S.A."

CONTRAPONTO SEM MÚSICA — (Prêmio, por omissão, do Festival JB/MESELA) Dir. de Paulo Melo (assinado por Virgínia da Gama) — Prod. Universidade da Canadá.

OS NÃO PREMIADOS

OS PESCADORES — Dir. de Carlos Aranha — Prod. Grupo Dimensão.

A IGREJA DE SÃO FRANCISCO — Rot. de Pedro Santos — Dir. de Carlos Aranha — Prod. Grupo Dimensão.

PRELUDIO NO SILENCIO — Dir. Sávio Rolim — Prod. Grupo Dimensão

UMA PERGUNTA FEITA A DEUS — Dir. Paulo Melo — Prod. Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina — Arg. Ponce de Leon (Prêmio da Faculdade de Filosofia).

SERTÃO DO RIO DO PEIXE — Dir. Vladimir Carvalho — Prod. Antônio Maria Maia.

A VIDA SIMPLES — Arg. Jurandy Moura, — Dir. de Carlos Aranha.

CURRAL DE PEIXES — Dir. João Córdula — Prod. Cinema Educativo.

O BALAIO — Dir. Paulo Melo — Prod. Pedro & Paulo Ltda.

OS "LONGOS" ESPIRITUAIS

Apresentando uma temática estranha aos costumes dos povos orientais, os filmes de longa metragem tiveram boa receptividade e modernam, na sua maioria, grandes divisas para os países brasileiros e lucros consideráveis para os seus produtores. A grande conquista do Cinema Espiritual Paraíba foi sua penetração no mercado interno indiano que, como se sabe, é o mais fechado dos nossos dias.

GRANDE HOTEL CABO BRANCO — (Oscar de melhor Diretor) Filme colorido dirigido por Tpojuca Pontes — Produção de Marcos Odilon.

O SEDUTOR DO SERTÃO — (Prêmio especial do Juri Polonês) Dir. Luis Paulino — Prod. Marcos Odilon.

AUTO DA COMPADECIDIA — Dir. Luis Paulino — Prod. Marcos Odilon.

O DOCE ESPORTE DO SEXO — (Oscar de melhor atriz para Conceição Castanho e prêmio de melhor interpretação da Academia de Cinema de Moscou para o ator Everaldo Soares Júnior) — Direção: Paulo Melo — Prod. Marcos Odilon e Virgínia da Gama e Melo.

O BEDEQUEIRA DO SERTÃO — Arg. e Rot. de Altimar de Alencar — Prod. de Marcos Odilon.

A BAGACEIRA — (Prêmio Governador Pedro Gondim) — Dir. Linduarte Noronha — Prod. Plano de Extensão Cultural e FAGRIN.

O QUADRO NEGRO — (Prêmio do Congresso Nacional). Dir. de Paulo Melo — Prod. Marcos Odilon, Virgínia da Gama e Ernani Sátyro (autor do romance de que foi extraído o argumento), ZEUS EXCLUSIVO

São boas as perspectivas do Cinema Espiritual para este ano de 1967. O cineasta Virgínia da Gama e Melo promete grandes realizações. Carlos Aranha unirá-se ao financiamento Marcos Odilon para a realização de "FOEIRA", Martinho Moreira, Wills Leal, Barreto Neto, Machado Bittencourt, Jurandy Moura, Marcos dos Anjos, Marcus Vinícius, Vladimir Carvalho e inúmeros outros defensores intrasigentes do Cinema Espiritual filmarão "OS DEZ MANDAMENTOS" (cada mandamento por um diretor), que será o grande filme já levado às telas em todo o mundo.

E o Cinema Espiritual Paraíba não deve parar porque CINEMA, no conceito tradicional, E IMAGEM EM MOVIMENTO. O Espiritual Paraíba também é imagem, mas imagem... imaginística. O movimento existe na medida em que a "imagem" vai se tornando obsessiva e "imaginador" acredita-se um cineasta. A verdade, porém, é que as obras cinematográficas desses cineastas artísticos, o seu não aparecimento nas telas, a ima gem desaparece e o movimento extingue-se, ficando um doce sabor de coisas feitas.



"O Doce Esporte do Sexo"



"O Sedutor do Sertão"



"Grande Hotel Cabo Branco"

Do aspecto de arte reduzida e com intenção redutora, que minimiza o problema estético e maximiza a propaganda e a mensagem, chegamos a outro extremo que inverte os dados e soluções: uma literatura que maximiza o estético e minimiza o conteúdo. Um distanciamento da realidade, a busca de um requinte formal tão característico e peculiar ao romance contemporâneo e tão caro aos apologistas da "arte pela arte".

Sabemos que por mais desvinculação de intenções, a obra de arte não se furta a exprimir uma visão do mundo, seja ele dentro de uma perspectiva histórica de superação ou transformação, seja ele dentro de uma concepção idealista de imobilidade histórica. Há sempre um significado por detrás do mais burilado requinte. O abstracionismo da pintura moderna nos dá aparentemente esse aspecto de subjetividade pura que, no final das contas, como bem frisa Fisher, é fruto de uma alienação sobre o espírito humano, induzida por um regime essencialmente "reficante", que gera essa busca exaustiva e angustiada de um sentido de vida. Se aquelas composições cromáticas do tachismo são a essência da alma humana, o ácido lisérgico vai ser grande corrente, pois induz um tachismo mental idêntico ao paroxismo abstracionista.

O que há é uma desmeçada intenção de fugir ao real, destruir qualquer núcleo dramático-narrativo do romance, para cal num "sistematico descender" de palavra-puxa-palavra, que beira mais um fraseado "parafilosofico" do que uma criação essencialmente romanesca. Há uma intenção de conceituar a realidade ao invés de criar a partir dessa mesma realidade. Não se trata mais de um personagem decalcado do seu meio, do seu "status" acrescentado de sua complexidade social, mas já pre-concebido e obscuro que advém de uma existência atemporal, a-histórica, a sustentar um eterno e gigante ponto de interrogação diante da vida e da própria História. Destroem a situação e o personagem, que bebendo os limites do irreal, são simples e secundariamente relogados, ou quando muito alegóricos após uma intensa triagem. Nas palavras de um ilustre crítico brasileiro, leríamos uma obra de arte que "cultura o gosto pelo difuso, pelo instintivo da percepção o mundo subjetivo jamais se estrutura para possibilitar uma comunicação". Estabelecem a palavra como "entidade autônoma" e daí descambam para um verbalismo que a nada leva ou constrói.

Do ponto de vista estratêgico e arquitetônico da nova tendência do romance contemporâneo temos o "novo-roman", que bem se define pelas palavras do seu mais decantado artífice, Alain Robbe-Grillet: "Nossos romances não têm por fim criar personagens". E nas palavras de um crítico brasileiro sobre um nosso romance decalcado do "novo-roman": "A

personagem em verdade inexistente e só existe como objeto mentalmente examinado através de outras personagens secundárias". E como se houvesse uma deliberada intenção de tirar a autonomia de um personagem principal e não ser assim requisitada uma maior complexidade sócio-psicológica na sua recriação.

Além das duas principais características arquetípicas do romance moderno, o mundo lógico inferior e a fragmentação do tempo, que por si podem encerrar uma evolução da maior validade artística, o que há é a prioridade quase absoluta do objeto no espaço-tempo. É este deslocamento na superfície do objeto, o contornar de todas as suas arestas, tema o lugar do personagem e o seu ambiente, da onde se procura dissociar, e mesmo diluir em função da qual mesmo objeto a psicologia individual desse personagem. Investe, pois, contra a ideia do velho romance psicológico. Trata-se de uma visão "atomizada" da realidade, havendo uma obsessão em desca- racterizar o circunstancial dos fenômenos como constituintes de um momento histórico-social, enfim, des- personalizando o homem como sujeito da história. Além dessa abstração fenomenológica, a essência apreendida é a essência do próprio objeto. Para o "novo-roman", fenômeno e essência se confundem no objeto e com o objeto. Temos, no final das contas, uma subjetividade (implícitamente abolida) que busca o sentido de si mesma dentro do objeto. Dos esboços que resumem dessa atomização do ser humano, que um regime de "reficção" absurdo e alienante provoca, resultam os objetos, um dos quais possui os atitudes esportivos do homem. Da velha e metafísica "imagem e semelhança de Deus", o homem passou a ser a imagem e semelhança do objeto.

Mas se nos limitarmos à teorização do próprio Grillet sobre o "novo-roman" em seu livro "Por Um Novo Romance", quando acusa o romance tradicional de "um antropomorfismo" que desfiguraria a apreensão do objeto e da realidade onde este se insere, seremos levados a uma reflexão não pela validade em si do que Grillet diz, mas pelo fato de ter pontos de coincidência com a "desantropomorfização" lukacsiana no seu livro "Estética, Questões Prévia e de Princípios". Alain Robbe-Grillet quer os seus objetos isentos de uma abordagem subjetiva, por menos que esta transpareça uma projeção do artista sobre a realidade. Quer depurados de toda e qualquer preocupação humanista de moldar o objeto pela analogia, pela metáfora, que, segundo suas palavras, nada acrescentaria ao objeto descrito. Mas a desantropomorfização lukacsiana, no que tem de coincidência com essa prevenção grilletiana por tudo que seja humano, não implica de modo algum nesta obsessão que descaracteriza o personagem ao ponto de reduzi-lo à categoria de objeto em meio de outros objetos

Para Lukacs, "o reflexo estético da realidade, a sua generalização estética, é a elevação da individualidade de ao típico".

Para evitar que uma obra de arte sofra as limitações do conceitual e subjetivo, não se pode cair numa outra reprodução ou numa simples fotocópia da realidade. Se a desantropomorfização lukacsiana depura "o em si" do objeto, dos acrescentos do antropomorfismo, e incide sobre o sujeito esse mesmo processo a respeito da realidade que o cerca, não implica em refugiar-se e assim abstrair tanto um como outro da fenomenologia da história. A interação dialética entre a natureza e a sociedade não pode sofrer esta redução simplista e esquematizada, sobre pena de incorrer no velho mecanicismo, embora com as novas roupagens de um neo-mecanicismo.

Jacim Goldmann em seu trabalho "Pour Une Sociologie du Roman" diz que "se for dado à palavra realismo o sentido da criação de um mundo cuja estrutura é análoga à estrutura essencial da realidade social, no seio da qual a obra foi escrita, Nathalie Sarraute e Alain Robbe-Grillet estão entre os escritores mais radicalmente realistas da literatura francesa contemporânea". Realmente o romance grilletiano pretende reproduzir uma realidade reficada, em que o homem sucumbia às suas estruturas alienadas e desumanizadas, em que há uma fetichização que vai do social ao psicológico, que em outros termos é a mercantilização da vida humana em todos os seus aspectos. Mas essa abordagem "realista" que Goldmann aplica a Grillet não tem por certo aquela função crítica de despertar uma visão crítica da realidade descrita. Apenas descreve um mundo alienado e atomizado, sem uma preocupação sequer de mudanças ou perspectivas. Os heróis deixaram de ser "problemáticos" para se "objetivarem", se estruturaram definitivamente como sólidos objetos dentro das mais eternas e rígidas estruturas. Não concordamos pois com Goldmann no sentido em que embora demore uma obra realista por sua visão crítica e dialética, venha esta implicada ao mostrar as contradições e entrelaçamentos criadores, venha esta explicita ao denunciar um "status" social indefinível e daí partir para uma superação.

Apesar de estarmos discutindo em termos de uma sociologia da arte, não estamos descurando de suas mais íntimas implicações estéticas, ou seja, a problemática da obra de arte em si. Pela complexidade de tal abordagem, reservamos para outra oportunidade, uma dimensão maior, uma reflexão mais estética, não só sobre o problema estético, mas sobre as questões levantadas acima, que não esgotaram ou sequer ar- ranharam os seus reais delimitações, que repetimos, são por demais complexas como matéria de análise e de superação.

Do "Nouveau-Roman" à "Desantropomorfização" Lukacsiana

É Ponce de LEON

Se existe uma razão para que se justifique o fato literário e mesmo a própria literatura, esta razão consiste justamente em atribuir-se à literatura o caráter de veículo para a re-dimensão dos fatos e fenômenos ocorrentes no todo, no Universo. Não justificações feitas ao gosto pequeno burguês, considerações da literatura como deleite — embora toda a literatura deva ter como uma de suas funções, o deleite — de literatura como diversão, ou, como mais ocorre, uma consideração de literatura como fuga. Mas sim a justificação da literatura como uma necessidade, de do homem e do meio (ver = esse propósito o livro de Ernst Fisher, A Necessidade da Arte), a justificação da literatura como um meio de expressão e divulgação de ideias, de formulação de conceitos, em suma: literatura como atributo de re-dimensionalização dos fatos.

Re-dimensionar: procurar nos fatos uma nova dimensão do mundo e levar ao leitor essa nova dimensão alcançada; levar o leitor a uma ou várias concepções novas de fenômenos como mundo, homem, vida, etc., por em di- râmico aquilo que estava estático, procurar significação naquilo em que aparentemente não existe significação; em larguear os campos das diversas concepções e ideias, renovar os conceitos estabelecidos e padronizados (dando-lhes uma nova dimensão); e principal- mente pôr em crise toda a ordem estabelecida, oferecer ao leitor a possibilidade de criação de uma nova ordem, de um novo mundo, mundo em que todos os conceitos tenham significação diversa das significações que têm neste mundo e nesta ordem. Re-dimensionar é a palavra de ordem ao escritor, seja ele poeta, romancista, novelista, contista, ou mesmo crítico ou ensaísta. Para que estes tenham como base a palavra, renovação, e que abominem de suas cogitações o fato de expressar

fielmente, verdadeiramente, a realidade tal qual é. O fato de ser ou não a literatura a reprodução, a cópia fiel da realidade, é que justificará o fato. O terceiro, é que dará à literatura uma função específica dentro do meio.

Existirá justificativa para o fato II, terceiro se este for a cópia da realidade, se este for realidade fotografada?

Ou existirá justificativa para o fato II, terceiro se este procurar dar uma dimensão à realidade e seus fenômenos?

Destas duas questões, responderemos afirmativamente à segunda. Realmente, não há sentido algum, objetivo algum, na literatura que busque a reprodução da realidade não é literatura. Re-dimensionar é que é a função da literatura verdadeira. A literatura que copia a realidade não dará ao homem nenhuma resposta alguma, não significará nada para ele e para o meio. Quando o homem quiser fatos sobre a realidade, irá buscá-los na própria realidade, e não numa cópia desta. Mas quando precisar de algo mais que a realidade simplesmente, quando o homem procurar uma significação para esta realidade, quando o homem buscar a verdade da pluralidade dos conceitos das coisas, isto é, se encontrará numa literatura que dá nova dimensão aos fatos que cercam o homem. Os fatos da realidade em sua dimensão, como estão à mão do homem, pois estão dentro do mundo real em que o homem vive. Mas a verdade maior que envolve os fatos, a significação mais profunda que envolve as coisas que não podem ser percebidas facilmente e que são ver- dadeiras, não são a realidade que nos dá a impressão de ser mais privilegiado, só poderá ser encontrada numa literatura que que o real tome nova dimensão.

O homem, inserido na realidade, observa os fatos com olhos comuns, da mesma maneira que todos os outros

homens os observam. No mundo real, todos os conceitos sobre a natureza dos fatos e das coisas são conceitos comuns, conceitos gerais. Um objeto, um fato, um fenômeno qualquer, são coisas gerais, para todos os homens que os observam. Um lápis, no mundo real, é para todos, um objeto que escreve. E se perguntarmos o que é isto a qual- quer pessoa, ela responderá: Isto é um lápis, serve para escrever. Não basta ao escritor dizer que aquilo é um lápis e serve para escrever, pois isso é um conceito geral, que todos conhecem. O que ele deve procurar, é dar uma nova dimensão aos objetos e fatos que procura enquadrar em sua obra. Antes de ser uma fuga do real, ser a re-dimensão do real. A busca de uma nova significação dos objetos e dos fenômenos do mundo real, para que procuremos no leitor, novas respostas. Deve ser a literatura, a busca daqueles conceitos que não são os gerais, a busca daquelas qualidades que não estão à primeira vista dos homens comuns. E ser, neste sentido, criação. Não procurar bater na tecla já tocada por todos, isto é, não copiar, nem fotografar, nem imitar sensações e conceitos que todos já conhecem. Antes de saber que os fenômenos e os fatos já têm seus conceitos gerais e conceitos comuns, o escritor deve ter um conceito geral, objeto para escrever, isto todos já sabem. Resta procurar uma nova dimensão do que seja o lápis, no vos conceitos deste objeto. Re-dimen- sionar, renovação conceitual, e não cópia estéril de uma realidade que é cons- tante por todos, e em que consiste a literatura verdadeira. Dizer o que já foi dito, escrever o que já foi escrito, ver o que já foi visto, considerar o que já foi considerado, é o que tem a literatura verdadeira. E seus resultados, em vez de cópia mortíficas, sempre-consistem de criações.

Paraná, janeiro de 1967.

RAZÃO E FUNÇÃO DA LITERATURA

Marcha Vinte e ANDRADE

A PEDRA DE EDDUCAR E SENIR

Luis Augusto F. CRISPIM

"Laranja azul encarnado Branco e VERDEAMARE

«Implementos não justificam a necessidade renovada, a arvorada em movimento em movimento de consequências estéticas. O que realmente se firmou com a expressão modernista — isto seria absurdo negar — foi uma disposição a potencialização mesmo de um conceito diretor para uma consciência artística nacional, como já ficou largamente demonstrado. As formas de expressão, estas se dissolveram nas relações antropofágicas dos primeiros arroubos. Elas (as for-

mas), que teriam ocupado, através de um romplimento coerente e sistemático, quase diríamos normal, as linhas de equilíbrio lançadas das bases conteduticas de um "heroi sem nenhum caráter" como Macu- zaina, se desintegraram pela falta de imaginação de um grupo intencional e dogmáticamente renovador. Estas formas, acrescentando, não se originaram de definição estética forçada em termos de integração cul- tural propriamente dita, primeiro pelos valores que teria forçosamente de acilar, o que, na verdade, re- sultar a totalmente incongruente com os princípios do movimento, de vez que praticamente não se re- gistrava nenhuma inclinação modernista no sentido da cultura popular, elemento essencial para a con- centração substancial de uma expressão pretensa- mente reintegrada no desenvolvimento natural da cul- tura. Exatamente: a literatura de cordel somente co- meça a ser absorvida pelo processo crítico artístico) a partir de João Cabral que, "cientificando-o" e o poder de comunicação, adota-lo por outro lado a própria rima, escolhe al os seus próprios padrões formais, instalando-se nesse complexo exterior que representa integralmente a única visualização evolu- tiva do contexto histórico nacional tomado a partir dos seus primeiros focos de emancipação. Em segun- do plano como corolário desta avaliação anterior, es- taria o reconhecimento intrínseco por parte do artis- ta do próprio desenvolvimento dessa realidade cul- tural cuja única capacidade de estabilização — e dis- so estamos tranquilamente convictos — e ainda de criação e auto-condicionamento intelectual através enão o seu primeiro estágio (o romance em forma

de folheto, a literatura oral, as modelações em barro etc) d'antemão apartado das "elites" artísticas. Estando, portanto, numa condição de legítimo im- pacto, a moderna poesia brasileira teve de se auto- con- dicionar, de definir não só a exploração dos motivos formais, como também, e principalmente, a própria opção implícita no desenvolver dessa mesma pre- fêrência, o que se estende consequentemente aos con- ceitos de tema e conteúdo. Estas auto-definições se- amudiam antes a produção artística da época, inte- lectualizando mais e mais a cada nova construção poética, cristalizandose a cada sopro de hermetismo lançado dos pios futuristas, das distâncias serias surrealistas da Europa.

Partindo da geração de 45 por uma Pedro do So- no, desperta Cabral nesta Educação pela Pedra. O seu poema de hoje, a não ser por uma mais acentua- da pureza, uma espécie de higiene formal, permane- ce tão grave e agressivo quanto de vinte anos atrás. E o mesmo Cabral que exige clareza mesmo no so- nhar, mesmo nos mistérios mais densos onde dev- eaver uma

Junça lambda sobre os ombros dos mortos.

Este é com certeza o ponto de apoio da poesia brasileira que se seguirá. O neo-parnasianismo dos que se municiam contra as "vanguardas" não con- gulu sequer umedeecer o verso de João Cabral que, por sinal, se mantém impermeável por completo a todas "o (t) orrentes".

O movimento norte-americano de igualdade racial é um dos maiores acontecimentos da história do Novo Mundo. Foi conhecido como a Segunda Revolução Norte-Americana e tem sido, em grande medida, uma revolução feita por estudantes.

A participação estudantil em um levante de proporções históricas é algo novo nos annais sociais da América do Norte. Em outras grandes transformações da sociedade norte-americana — a luta pela independência, o desenvolvimento da democracia popular em 1830, a abolição da escravatura, a organização do trabalho, as reformas económicas e sociais de Franklin D. Roosevelt — os estudantes tiveram um papel marginal, se é que tiveram algum.

Mas neste movimento pelos direitos civis os estudantes tomaram consciência de seu papel de força efetiva. Impulsionados pela evidente justiça da causa, e em geral imunes às pressões normalmente exercidas contra cidadãos negros comuns, passaram a ser os teóricos e os organizadores do "Movimento", os soldados, e também os generais, do novo exército de trabalhadores pelos direitos civis.

O início da participação estudantil na luta pela igualdade foi verificada na tarde de 10. de fevereiro de 1960, quando quatro estudantes negros da Escola Técnica e Agrícola de Carolina do Norte fizeram algo extraordinário: entraram num café de Greensboro, Carolina do Norte, pediram com cortesia uma refeição (que lhes foi negada) e ficaram sentados permanentemente e silenciosos e pacífico protesto.

O que fizeram aqueles quatro estudantes, que constituiria a primeira "sit-in", comoveu toda a nação e, em particular, aos estudantes dessa nação. Se tratava de algo tão básico como isto, o direito de fazer uma refeição comum, o simples direito ao tratamento cortês que todo homem, pela simples razão de ser homem, merece. O procedimento, em sua dramática simplicidade, foi eletrizante: uma negativa permanente, tranquila e digna, de abandonar o local.

O movimento de direitos civis já tivera seu início, na realidade, há bastante tempo, e estava ganhando impulso quando recebeu a centelha da "sit-in" de Greensboro. Sob a direção de homens como Du Bois e Walter White, a Associação Para o Progresso das Pessoas de Cor estava há cerca de cinquenta anos perdendo a batalha. Seus esforços foram coroados quando, em 17 de maio de 1954, o Supremo Tribunal declarou ilegal a segregação nas escolas públicas, fato que prepararia o terreno para ações mais radicais. Em Little Rock, Arkansas, foi necessária a presença do Exército para que a norma do Tribunal fosse observada. Em 1955, Martin Luther King, pastor batista e discípulo de Gandhi, liderou os negros de Montgomery, Alabama, num satisfatório boicote contra os transportes municipais.

Mas as "sit-ins" atraíram os estudantes com força particular. Simbolizavam, naturalmente, algo muito mais importante do que a simples questão de uma refeição. Foram as "sit-ins" que, em princípio, arrastaram grande número de estudantes para o movimento pelos direitos civis. De Greensboro se estenderam rapidamente por toda a Carolina do Norte e, dali, até o Sul. Dos cafés, passaram às bibliotecas, teatros, parques e todas as classes de serviços públicos. Durante os dezoito meses que se sucederam a Greensboro, participaram em "sit-ins" setenta mil pessoas, entre negros e brancos; 3.600 foram detidos e milhares transferiram-se para o Sul.

Em sua condição de união nacional de estudantes democráticos, com uma extensa lista de associados, a USNSA (Associação Nacional de Estudantes dos Estados Unidos) só tinha que atuar com cautela em questões nacionais explosivas. E a questão das "sit-ins" foi explosiva; não só enfureceu os segregacionistas do Sul, como também pessoas do Norte que tinham os "direitos de propriedade" em conta maior que os direitos humanos.

A USNSA, não obstante, reagiu imediatamente dando firme apoio às "sit-ins". Seu presidente as qualificou como "sugestivas" e prometeu que "ajudaria os estudantes com todos os meios possíveis". O apoio da USNSA consistiu em algo mais que palavras. A Associação prestou ajuda econômica aos estudantes do Sul expulsos de universidades e escolas por causa de atividades pelos direitos civis. Em Atlanta, Georgia, a USNSA pôs em prática um projeto para difundir entre os estudantes do Sul a ideia das "sit-ins". E em Washington, organizou uma Conferência Nacional de Estudantes sobre o Movimento "Sit-In". Com tal conferência, que reuniu na capital centenas de dirigentes estudantis, se pretendia tanto fazer compreender a importância das "sit-ins" como conseguir o apoio estudantil nacional para o movimento.

O movimento pelos direitos civis teve enorme desenvolvimento desde então. Foram obtidos grandes triunfos que em 1954, e inclusive em 1960, não eram considerados possíveis. No verão de 1961 os Freedom Riders, aqueles bravos brancos e negros que desafiaram a segregação nos terminais dos expressos do Sul, tiveram, com frequência, que enfrentar a violência nas a eles se deve o decreto governamental que proíbe a discriminação nas viagens inter-estaduais. Negros ingressaram em universidades do Sul. Na primavera de 1963 os negros de Birmingham, Alabama, cidade industrial do Sul totalmente segregacionista, se uniram em defesa de seus direitos em uma série de manifestações dirigidas por Martin Luther King. A reação da Polícia municipal foi bárbara, e cenas de meninos marcados com ferros em fogo, de homens derrubados a golpes por guardas em cavalos, de mulheres sem sentidos, entristeceram as consciências de milhões de pessoas. John F. Kennedy, o primeiro presidente norte-americano que denunciaria o mal moral da segregação racial, apresentou ao Congresso, o projeto da Lei dos Direitos Civis. Na Marcha sobre Washington, em 28 de agosto de 1963, que constituiu-se numa jornada de esperança, participaram duzentas mil pessoas, das quais a terça parte era composta por brancos. Foi a maior manifestação da história do hemisfério. Quando o presidente Kennedy foi assassinado, seu sucessor, Lyndon B. Johnson, disse em sua primeira mensagem ao Congresso: "Não há oração fô-

nebre que possa honrar com mais eloquência a memória do presidente Kennedy que a pronta aprovação da Lei dos Direitos Civis". A lei, por grande maioria, passou a ser lei. Em princípios da primavera de 1964, Martin Luther King organizou a população de Selma, Alabama, para uma manifestação com o intuito de pedir o fim da prática injusta que impedia os negros de exercer o direito de voto. Em plenos acontecimentos de Selma, o presidente Johnson apresentou ao Congresso o projeto de lei de direitos de voto que tinha por objetivo acabar com os poderes dos funcionários na questão de privar os negros do sufrágio universal. Em seu discurso perante o Congresso, televisionado para um público de dez milhões de pessoas, o presidente converteu o hino do movimento pelos direitos civis num slogan nacional, ao dizer com sua pausada pronúncia sulista: "And we shall overcome". O projeto também passou a ser lei por aprovação da maioria e seus efeitos estão começando a revolucionar a política de Dixie.

Progresso Custou Amargura e Sangue

Quando James Meredith ingressou na Universidade de Mississippi, ocorreram manifestações que custaram as vidas de dois homens, um deles correspondente da Franco-Press, Medgar Evers, secretário local do NAACP em Mississippi morreu baleado na porta de sua casa. Em Birmingham uma bomba matou quatro crianças que assistiam aula na escola dominical, três jovens manifestantes pelos direitos civis, dois negros e um branco, foram assassinados a sangue frio numa obscura via de Mississippi. Durante as manifestações de Selma morreram violentamente três pessoas: um operário negro de Selma, um pastor branco de Boston e uma senhora branca de Detroit. E surgiram mais morte. Os crimes menores são incontáveis: manifestantes, golpeados, encarcerados, humilhados, negros expulsos de suas terras ou empregos por sua participação em atividades pelos direitos civis, igrejas e casas incendiadas, largas noites de terror.

Mas, ainda que um grande progresso tenha sido notado, a promessa da igualdade racial e dos direitos humanos ainda está longe de ser cumprida. E conforme o movimento pelos direitos civis tenha adquirido impulso, surgiram novos problemas e velhos se aguçaram: a explosiva situação do negro do Norte, suas esperanças frustradas, sua discriminação no trabalho, pela sordidez de suas residências pelas péssimas escolas, o institucionalizado e profundamente arraigado dilema da pobreza, os males da discriminação em ensaio, nas eleições, na economia e nos serviços públicos.

Desde as primeiras "sit-ins" os estudantes têm sido os primeiros a tomar consciência dos novos problemas e a fazer algo para resolvê-los. Pronto compreenderam que, se bem que a anti-segregação nos serviços públicos tais como restaurantes e teatros era importante, a chave do problema social residia noutra parte. Viram que o poder político era uma arma que o negro poderia usar para "reestruturar o poder" no Sul, e em 1961 começaram a organizar as campanhas de eleitores. Nosso aspecto, como em tantos outros da atividade pelos direitos civis, um grupo de cabeças foi o SNCC (Comité Estudantil Coordenador Contra a Violência), o primeiro a organizar-se para coordenar as "sit-ins".

Os estudantes estavam no entanto começando a examinar os problemas econômicos da discriminação racial. Dando-se conta de que, se atuavam em conjunto, também os pobres poderiam exercer poder econômico organizaram boicotes que convocaram a armazéns e indústrias que empregam negros seria um bom negócio. E também isto com maior importância, se deram conta da íntima conexão entre a pobreza e a discriminação, tanto no Norte como no Sul. Foram os iniciadores dos primeiros programas de "ação comunal". Foram os iniciadores de programas de instrução, prestando aos meninos pobres a ajuda extraordinária que, comumente, não poderiam obter.

Conforme os estudantes foram comprometendo-se mais a mais no trabalho com as classes pobres na sociedade norte-americana, foram descobrindo que o maior obstáculo consistia na terrível apatia dessas classes. Gerações de privação e degradação haviam criado uma "cultura da pobreza": um convencimento fatalista de que nada podia mudar, um sentimento de total impotência, uma consternadora falta de amor próprio. Parcialmente como reação, os estudantes deram impulso ao conceito de "democracia participativa", advogando que todo ser humano deve participar em todas as decisões. Assim pois, num programa de ação comunal as decisões não são tomadas pelos estudantes organizadores, mas pelas pessoas com quem trabalham. A crença na "democracia participativa" está generalizada no SNCC e no Movimento Estudantes por uma Sociedade Democrática, grupo do Norte que organiza projetos comunitários em grandes cidades.

Durante todo esse período de desenvolvimento a USNSA tem oferecido pleno apoio ao movimento pelos direitos civis. Hoje em dia sua participação em atividades pelos direitos civis é maior, e em um sentido mais avançado do que nunca. Oito membros de seu pessoal trabalham em seus escritórios, em Washington, em atividades pelos direitos civis e de ação comunal, e outros quatro no Sul. Além de organizar seus próprios programas, a USNSA, com seu grande número de sócios, apoia e dá publicidade aos programas alheios.

Irão passar muitos, muitos anos antes que se gane a batalha contra a desigualdade racial e contra a pobreza. Até que chegue esse dia, a única certeza é de que o movimento pelos direitos civis terá seu desenvolvimento e encontrará novos meios de resolver os novos problemas que poderão aparecer. Os estudantes proporcionarão a mão-de-obra para esse desenvolvimento e a esperança é provável que também encontrarão esses novos meios.

(Hendrik Hertzberg é diretor do Departamento de Publicações da USNSA. Durante o ano que passou teve seus artigos constantemente publicados na revista trimestral da Associação, "The American Student").

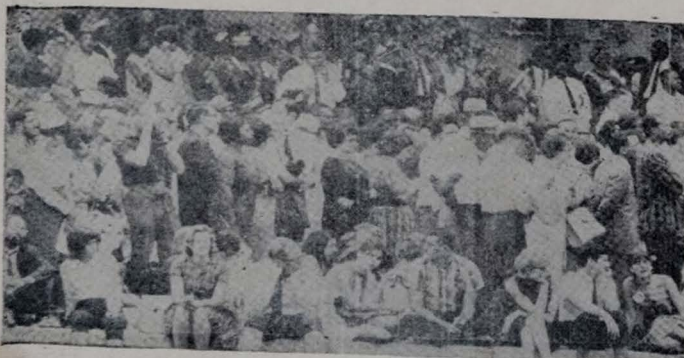
OS DIREITOS CIVIS NOS ESTADOS UNIDOS:

A

Segunda

Revolução

Hendrik HERTZBERG
Tradução de Carlos A. ARANHA



O "Tidal Basin" brinda com a delícia de suas águas os esgotados pela "Marcha sobre Washington", em agosto de 1963. — (FOTO ABC EURPRESS).

LITERATURA E VIDA

A MATURIDADE — Um dos últimos livros publicados pela Companhia Editora Nacional é "A Maturidade", segredo da eterna juventude, de Dorothy Carnegie. Viúva do célebre Dale Carnegie, a autora quis dar-nos esse livro sua contribuição para que as pessoas vivam melhor umas com as outras, por meio de conselhos simples e práticos. É um livro bastante honesto, agradável de se ler, lustamente por que não contém fórmulas mirabolantes, soluções "miltakrosas", como acontece com tantos livros por aí, que se prometem fastidiosamente uns aos outros. "A Maturidade" é um livro que se lê sem dificuldade, com real proveito, e que se recomenda sem nenhum constrangimento, não só porque tem nada a ensinar com sua leitura, pelo contrário, até pessoas idosas o lerão com bom resultado.

Queremos ou não, o tempo passa para todos. Envelhecem os corpos, mas isso não implica necessariamente em amadurecimento da mente; para tanto, é necessário que nos esforcemos. Os anos

JORNALISMO E EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA

"Um jornal deve estar sempre com o povo, pensar e sentir com o povo. Sempre assim ele terá sempre razão, será sempre forte sempre popular e sempre livre".

Gordon Bernett

Wilton VELOSO

"A única posição a que um homem pode atingir pelo simples fato de ter nascido é, sem dúvida, a de idiota" — eis uma frase com que o jornalista Pulitzer, em fins do século passado, liquidava com a velha e bizantina discussão sobre a necessidade ou não dos cursos de jornalismo. E ainda hoje, decorrido tantos anos, são muitos os que acham exagerada aquela frase do pioneiro da imprensa moderna, e consideram simplesmente que o verdadeiro jornalista já nasce feito, sem necessidade de fazer cursos específicos. Todavia, contra o famoso, mais inverídico jornalista. Todavia, contra o famoso, mais inverídico princípio de que o jornalista "born, not made" apregoado por John Dillon nem precisaria contrapor-se outros argumentos mais sérios, sobretudo, pela contradição evidente de seus próprios, que é de um óbvio **shulante** — como diria Nelson Rodrigues. Na verdade, o jornalismo é uma técnica que evolui, como todas as outras, e não seria concebível a um autêntico jornalista a simples apreensão de determinada técnica jornalística pela experiência pessoal, pela improvisação e pelo autodidatismo. Seria, em outras palavras, admitir a inutilidade do estudo e do aperfeiçoamento constantes, o que nos parece tão evidentemente inútil para pedir defeitos.

É claro que, além da natural inclinação, há melhor vocação para o ofício, há que existir também o estudo, a dedicação e o aperfeiçoamento sem tréguas, pelo que nunca pode entender integralmente o sentido daquela afirmação de que "o único lugar onde alguém pode aprender jornalismo é a redação de um jornal", tão explorada e repetida. E acrescentaria que "nas oficinas também". Isto tem, evidentemente, alguma dose de verdade, mas não a verdade toda. Se assim não fosse, como poderíamos explicar, por exemplo, a existência de tantos jornalistas excepcionais, aqui mesmo na Paraíba, como o foram inevitavelmente um Arthur Carlos Dias Fernandes, um Elzeu Cesar, um Arthur Achilles, um Márcio Pinheiro, os quais, cujos cursos não tiveram senão o palácio pelo ofício e o aprendizado constante dentro das oficinas e das redações de redação? Por outro lado, são muito conhecidos e notórios os casos de verdadeiras mediocridades que se redimiram pelo desejo perseverante de aprender e melhorar tanto pelo estudo obtido como pela prática constante da profissão. Mas, nada disso naturalmente invalida o que se disse sobre a necessidade do ensino jornalístico, pois, como é óbvio, o que interessa é preparar e não fazer jornalistas. Ou como diz Carlos Rizzini: **deveremos formar jornalistas e não comerciantes, formar redatores, comentaristas, críticos e repórteres, e não escritores e publicitários**.

Aqui na Paraíba, todos conhecem as limitações da terra em matéria de jornalismo, e sabem igualmente das dificuldades enfrentadas, em todos os tempos, para que se pudessem ter e manter sempre uma imprensa com certo padrão de dignidade e de independência. E a luta por essa boa imprensa, entre nós, teve alguma coisa de epopéia grega, tendo a "A União" nessa luta a maior parcela de responsabilidade e o seu maior baluarte. Surgindo em condições bem modestas, ela teve como suporte principal apenas o ideal de homens como Tito Silva, Carlos Dias Fernandes, Arthur Achilles e outros, que desinteressadamente o ensinaram sua inteligência, sua visão e sua honradez, e uma larga experiência em atividades jornalísticas. E a história de "A União" através dos movimentos literários que empreendidos e liderados, das campanhas de renovação jornalística que tornou possível pelo seu irreverente estímulo aos valores novos da terra, — tudo isso já história para testemunhar sobre a crítica desde ascendência cultural e política do velho grupo, e que os anos vivam apenas ratificar e confirmar. A conhecida frase de Alvin Wanderley de que "a imprensa é uma indústria como a tecelagem e o comércio, há necessidade de ganhar com ela, não de perder a alma e de trabalhar" não encontra sentido quando o jornal é "a União" e os jornalistas são homens como José Amador de Almeida, Nelson Luis Cabral, Odeir Gomes, Samuel Duarte, Antonio Bato de Mendonça, Eduardo Martins, Adalberto Barreto, Virgínia da Gama e Melo, Celso Otávio de Novaes,

que se seguem à juventude, e até mesmo os últimos de nossa vida, podem ser anos de entusiasmo e felicidade plena, desde que nos conservarmos espiritualmente jovens e aprendamos a superar a velhice, atingindo a maturidade. É a mensagem de Dorothy Carnegie neste livro.

Quando há pouco tempo, como dissemos, o livro vem tendo uma aceitação superior mesmo à expectativa dos editores: com toda certeza, será conhecido em milhares de lares no Brasil. E o leitor justo colhi-lo por um livro honesto e bom.

Assunto de maior importância é de maior importância para todos. "A Maturidade" constitui a segunda de um livro de leitura fácil e agradável, sem distorções, com provas ou ensinamentos e mais convenientes vezes os menos aserios e mais oportunos minutos para o grande público. Na obra de Dorothy Carnegie encontramos uma análise rigorosa e lógica do que é "a maturidade" e das melhores maneiras para alcançá-la, através de exercícios, exercícios, muitas para destruição de preconceitos, desenvolvimento, fortalecidos moralmente para o equilíbrio físico.

Carlos Romero, Germana Vidal, Waldemar Duarte, Juarez Batista, Gonzaga Rodrigues, José Souto, Altmar Alencar Pimentel, Marconi Altamirand, João Bernardo de Albuquerque, Antonio Barreto Neto, Linduarte Noronha, e muitos outros, a maioria deles perdeu ou ainda pertence ao seu quadro redacional.

Um dos aspectos mais curiosos, contudo, na história de "A União" é o da sua contribuição indiscutível para o movimento cinematográfico aqui equidistante, de repercussão nacional, e até internacional. É sabido que a "A União" contou sempre, em suas páginas, com a colaboração de admiráveis homens de imprensa em todos os gêneros, desde os que fazem a simples notícia até a grande reportagem, desde o comentário inteligente e sisudo do Editorial até à crítica e leve crônica social, passando mesmo por um jornalismo literário dos mais lúcidos e mais eruditos. Foi sempre o velho órgão um incomparável formador de repórteres, de cronistas, de jornalistas, de editoriais, de escritores, de poetas exercendo assim o nível papel de escola de jornalismo. Mas, seria injusta na crítica cinematográfica das mais arduas e esclarecidas, na formação de uma equipe de homens de cinema, e até de dirigista, que a "A União" tenha desempenhado, em nossos dias, um papel dos mais relevantes e mais destacados. Na verdade, o aprendizado de um Linduarte Noronha, que iniciando no velho órgão como simples "foca", destacou-se posteriormente como atuante crítico de cinema, e finalmente, como cineasta de renome nacional com os seus documentários *Aranda e Calceiro Nordeste*, — tudo isto deveria atribuir à "A União" um indiscutível pioneirismo nesse particular. Outros, como João Paulo de Melo e Wladimir de Carvalho, de inextinguíveis méritos dentro da cinematografia regional, saíram igualmente da redação do "órgão oficial". O documentário cinematográfico "Romeiros da Guia" constitui, sem dúvida, um estudo em profundidade de três implicações religiosas numa comunidade, mostrando também que é possível fazer cinema no Nordeste com os temas mais próximos de nós, o que representa uma disposição corajosa e de auto-reflexão que a imprensa fílmica em nosso meio. Não fica aí, porém, a relação dos críticos e homens de cinema que a "A União" conseguiu preparar para o que já se mencionou chamar de "a aventura do cinema aqui no Brasil". Antônio Barreto Neto, por exemplo, é uma presença obrigatória nessa lista, não somente pela sua posição de indiscutível relevo dentro da crítica cinematográfica — sem dúvida, a mais influente e esclarecida de todas as que atualmente se faz no Nordeste — mas, principalmente pela decidida contribuição que tem dado a todas as iniciativas surgidas em matéria de cinema. Sua ação já faz sentir não somente através de entidades como a Associação de Críticos Cinematográficos da Paraíba, mas também por intermédio de sua incessante atividade jornalística, onde se tem revelado de uma maturidade crítica incomparável.

Virgínia da Gama e Melo é outro nome surgido nos quadros de "A União", que embora sendo teatro, logo premiado, e crítico literário dos mais lúcidos deste País, tem também agido, — depois de seu "Contraponto sem Música" — ser considerado um integrante do "cinema novo parabolano". Pois, em que pese as opiniões em contrário não podemos fugir dessa evidência elementar, como diria Mr. Holmes: "Contraponto sem Música" é um filme e Virgínia da Gama e Melo um realizador cinematográfico, um homem de cinema, como o são também René Clair ou Chabrol. Orson Wells ou Walter Linn Junior, guardadas evidentemente as devidas proporções. Foi ele, como se sabe, o consultor literário do filme extradiário que foi "Menino de Engenho, de Walter Lima Junior, considerado pela crítica nacional como um dos filmes mais bem realizados do ano que findou Voto de "A União" e continua nela, para o bem de todos e da própria.

Como vemos, a "A União" representou sempre uma função, por assim dizer, auxiliadora na formação de uma autêntica cultura parabolana, desde a sua fundação há cerca de 75 anos, sobretudo no setor cinematográfico, onde ela mais se afirmou e notabilizou. Possibilitou inclusive a formação de uma legítima mentalidade artística regional. Mentalidade que procura evidentemente universalizar-se por uma espécie de tomada de consciência, no sentido de que os problemas existem e devem ser resolvidos em todo o mundo, não havendo uma realidade absoluta de um instrumento de aperfeiçoamento, e sobretudo de

Radiação nuclear salva alimentos

Por T. SCHÖETTERS

Um efeito benéfico da radiação nuclear de qual nos vamos ocupando é a sua aplicação para a conservação dos alimentos. Este uso do dialeto é seu poder de matar bactérias, vírus e outros organismos nocivos que contaminam e deterioram os alimentos humanos.

Essa radiação também é valiosa no tratamento médico, como, por exemplo, nos casos de câncer. Ela é, particularmente, usada nos casos de câncer da cabeça e do pescoço, e também nos casos de câncer da mama e do estômago.

As companhias britânicas estão bem à frente na criação e fornecimento de cobalto radioativo necessário para a produção de radiação nuclear.

Uma fonte de radiação usada é o cobalto-60, quando a esterilização é necessária. Essa é uma forma radioativa do cobalto metálico, fornecida pela Comissão de Energia Atômica e feita com um reator nuclear construído nos Estados Unidos.

Quando se trata de alimentos, a radiação nuclear é usada para a esterilização de alimentos. Isso é feito por meio de um reator nuclear que produz radiação gama.

Um exemplo de centro de pesquisa é o Centro de Pesquisa em Alimentos, em Washington, D.C. Este centro desenvolve métodos para a conservação de alimentos por meio da radiação nuclear.

Os benefícios da radiação nuclear para a conservação de alimentos são muitos. Ela pode matar as bactérias que causam doenças e prolongar a vida útil dos alimentos.

Conclui-se na 7a. pag.

CINEMA ANNE FRANK E O SEMITISMO

Por Diários, ontem, que o maior mérito do filme de George Stevens, é ter se afastado dos problemas políticos e raciais, transformando-os numa apologia à liberdade humana.

Mas o sentimento de Anne foi o que sobreviveu de seu diário, resistindo às adaptações. Tratando-se de um depoimento de uma moçoita judia, em nenhum instante se pode dizer que se trata de uma defesa semita. Não há semitismo no Diário, muito embora todas as circunstâncias fossem a esse fim.

O filme mostra também a estranha experiência da evolução da sensibilidade humana sem as condições exteriores, motivadas justamente pelo refúgio obrigatório das duas famílias. Em tempo cinematográfico exato, Stevens vai descobrindo todas as exteriorizações da personalidade de Anne Frank. Das idiosincrasias maternas à luta contra a intolerância adulta, ao amor, Todo o universo da condição humana transbordou num espaço refinado e quase estéril, sem luz, sem o mínimo conforto. Dentro desta jaula, poros os atos positivos e decedentes da espécie humana cercam Anne, nos seus treze

anos. Com a família destruída, posteriormente, a proleção garota cresceu na liberdade humana, e isto é uma constância em seu diário, apesar da chegada dos nazistas e do fim certo que os aguardava.

Ao que parece, somente o pai conseguiu escapar do extermínio do campo de concentração.

Talvez ainda sentido e até letal tirando-lhe a vida juvenil, Anne foi o guardião nos seus últimos pensamentos a crença na bondade humana e o desdobramento de seu brutal crime.

Sequizes, — Nome curioso, muito comum em queleles. Grande grupo de frantúcticos e coacelares. Muito simpático ao uso e resultado de uma profunda decência de sempre inventar à posição das coisas. Há em certos "prezados" uma verdade, uma vocação inaproveitada, com um pequeno erro originário, mas não negativo em positivo, isto é, para além, uma coisa por fora é diferente ou vice-versa. Isto se aplica também a condições subjetivas.

OS DOLARES FURADOS

Por Alexandre MOREIRA

Quem andou aplicando economias na compra de dólares e sua remessa para o Exterior, através da "Investors Overseas Services", deve estar bem preocupado com a sorte do seu rico dinheiro.

A verdade é que, ao aceitar o negócio, qualquer pessoa com um pouco de bom senso poderia descobrir do "investimento" e admitir que, mais cedo ou mais tarde, a coisa poderia estourar.

Estouros mesmo. O caso está dando o maior inquérito, os jornais já divulgaram listas de envolvidos enfim tudo o que aconteceu conforme era fácil prever. O que se espera é que tudo não fique pagado pelo mal que fizeram?

O imposto de renda caiu firme em cima dos "investidores". E fez bem: quem mandou mandar dinheiro para o Exterior, com mais razão pode e deve pagar seus impostos e, principalmente, o de renda, que é feito para quem tem recursos.

Mas as exigências fiscais não são tudo. Além do imposto de renda, os que entraram nesse negócio devem responder por outros crimes e ainda assim, por mais rigorosa que seja a punição, talvez não paguem pelo crime imperdível de não terem confiado no Brasil, de terem

preferido ganhar dinheiro no Exterior, quando milhares de brasileiros mais honestos e mais conscientes aqui trabalham e aqui aplicam suas economias, colaborando para um futuro melhor a todos os brasileiros.

Esse é o ponto mais grave. Enquanto o governo incentiva os investimentos no Nordeste, procurando carrear recursos para o desenvolvimento daquela região, alguns cidadãos impreciosos que — varram dinheiro sub-solo de que maneira transferem valores importantes para o Exterior, totalmente desinteressados da sorte e do futuro da terra em que nasceram e onde vivem.

Esse é o grande crime e para esses é que a opinião pública pede punição. So um castigo exemplar poderá servir de alerta para que outros como esse não se repitam e para que outros brasileiros possam pensar e agir melhor, com um pouco de dignidade e em sua fortuna, pagar também um pouco nos seus irmãos e não nos irmãos mais pobres do País, que precisam de ajuda, de investimentos e de recursos. O que não nos, de compreensão — a compreensão que falta aos que quisermos ganhar muito e aqui estão vendo que compraram dólares furados, que ainda vão dar muitos dor de cabeça.

Os usos do terror pelo Vietcong

Por Barry BROWN

Quando os guerrilheiros do Vietcong abrem fogo contra um vilarejo desarmado e sem escolta, a bordo do qual se acham de Saigon, muitas vezes perguntamos: "Por que se faz isso? Mostra clara mente a resposta a atitude de descomunidade para com os seus habitantes, a guerra vietnamita, que o governo dos Estados Unidos expressou preocupação em não deixar se tornar inevitável, se não por uma vitória gata a vitória da liberdade, durante os "barridos" contra o Vietnã do Norte.

Para compreender a diferença entre as duas atitudes há que saber distinguir entre uma sociedade baseada na cooperação e outra baseada no desrespeito pelos direitos humanos.

Em primeiro lugar, os ditos guerrilheiros abrem fogo contra um vilarejo desarmado e sem escolta, a bordo do qual se acham de Saigon, muitas vezes perguntamos: "Por que se faz isso? Mostra clara mente a resposta a atitude de descomunidade para com os seus habitantes, a guerra vietnamita, que o governo dos Estados Unidos expressou preocupação em não deixar se tornar inevitável, se não por uma vitória gata a vitória da liberdade, durante os "barridos" contra o Vietnã do Norte.

Quando os guerrilheiros do Vietcong abrem fogo contra um vilarejo desarmado e sem escolta, a bordo do qual se acham de Saigon, muitas vezes perguntamos: "Por que se faz isso? Mostra clara mente a resposta a atitude de descomunidade para com os seus habitantes, a guerra vietnamita, que o governo dos Estados Unidos expressou preocupação em não deixar se tornar inevitável, se não por uma vitória gata a vitória da liberdade, durante os "barridos" contra o Vietnã do Norte.

Quando os guerrilheiros do Vietcong abrem fogo contra um vilarejo desarmado e sem escolta, a bordo do qual se acham de Saigon, muitas vezes perguntamos: "Por que se faz isso? Mostra clara mente a resposta a atitude de descomunidade para com os seus habitantes, a guerra vietnamita, que o governo dos Estados Unidos expressou preocupação em não deixar se tornar inevitável, se não por uma vitória gata a vitória da liberdade, durante os "barridos" contra o Vietnã do Norte.

Quando os guerrilheiros do Vietcong abrem fogo contra um vilarejo desarmado e sem escolta, a bordo do qual se acham de Saigon, muitas vezes perguntamos: "Por que se faz isso? Mostra clara mente a resposta a atitude de descomunidade para com os seus habitantes, a guerra vietnamita, que o governo dos Estados Unidos expressou preocupação em não deixar se tornar inevitável, se não por uma vitória gata a vitória da liberdade, durante os "barridos" contra o Vietnã do Norte.

Um ano recente que pode servir de exemplo é o assassinio de Tran X. Van, em junho de 1966, no âmbito da Assembleia Constituinte que ora redige uma nova constituição para o Vietnã do Sul. O governo civil no país. Um adversário político deste foi sempre contestado pelos comunistas, mas como o seu mais próximo inimigo.

As intenções assassinas no âmbito, como muitos outros seres humanos, que durante os últimos dez anos foram mortos ou seqüestrados pelo Vietnã do Sul. Um exemplo recente é o assassinio de Tran X. Van, em junho de 1966, no âmbito da Assembleia Constituinte que ora redige uma nova constituição para o Vietnã do Sul. O governo civil no país. Um adversário político deste foi sempre contestado pelos comunistas, mas como o seu mais próximo inimigo.

Finalmente, é preciso observar que o Vietnã do Sul, em junho de 1966, no âmbito da Assembleia Constituinte que ora redige uma nova constituição para o Vietnã do Sul. O governo civil no país. Um adversário político deste foi sempre contestado pelos comunistas, mas como o seu mais próximo inimigo.

'Graça' abrirá portões para a revanche

Notícias da FPF

REVANCHE

Reeditando sua exibição de domingo passado diante da Santa Cruz do Recife, o Botafogo de nossa Capital, jogando anteriormente à noite em C. Grande diante do Campiense Clube, conseguiu um empate em um tento. Hoje à noite tendo como local o estádio "Leopoldo da Silveira" o até negro pessoense terá pela frente o mesmo Campiense Clube, em partida revanche que deverá atrair um bom público ao pequeno campo da zona sul da cidade.

ESTREIARÁ

Conforme apuramos, a direção técnica do Botafogo estreiará na noite de hoje diante do quadro "cartão" o arquirrey Ze Neto, egresso do futebol pernambucano, o que não deixa de se constituir em mais uma atração para os torcedores do time da "estrêla solitária". Por outro lado o ponta de lança Targino, ex-Treva de C. Grande e atualmente envergando a jaqueta do Central de Caruaru, se prontificou a defender no corrente ano a jaqueta do Botafogo, podendo estar presente hoje à noite diante do Campiense.

OS QUATROS e JULZ

Dada a importância da partida intermunicipal, esperasse que a torcida pessoense se destacasse em massa até a "Graça" a fim de incentivar o Botafogo a outro bom resultado para o futebol da Capital. São as notificações de última hora os dois quadros principais o "gramado" do Leopoldo da Silveira, com as seguintes formações, sob a direção do juiz Armando Cesar: Botafogo — Ze Neto (Vai), Leão, Jô, Edilson e Filas; Telino e Valdeci; Lúcio II, Nímino, Chicletes e Nide. Campiense — Edmilson, Carlos Alberto, Jorge, Prázias e Gilvaz; Simpício e Deblina; Joel, Zecú, Chagas e Irênio.

Torneio da Confraternização pelos 75 anos de "A UNIÃO"

Como parte das comemorações de aniversário do jornal "A União", cuja completa data de hoje seus 75 anos de fundação, será realizado em data a ser fixada, um senacional torneio de futebol denominado "Torneio da Confraternização".

Protesto não muda amizade

Por decisão do nosso sr. Genival Leal de Menezes, na noite da última segunda-feira na sede da Federação Paraibana de Futebol, o Rubem Moura da respeito do protesto da Paraíba no jogo entre nosso Estado e Pernambuco. O presidente da Federação do Pernambuco de Futebol foi taxativo em afirmar de que o protesto dos paraibanos, alegando irregularidade do jogador Luciano, não tem fundamento de vez que o referido atleta está perfeitamente regularizado na entidade pernambucana. Por outro lado segundo palavra de sr. Genival Menezes, presidente da entidade da rua das Trincheiras, o protesto tem fundamento, pois está baseado na nossa certidão fornecida pela Federação Alagoana de Desportos, onde a entidade da Terza dos Marechais faz ver que Luciano está irregular.

Conforme dissemos, em nossa edição de ontem as seções de escaudação e Obras desportivas como principais favoritas do conclave, pois contam em suas fileiras com grandes valores do nosso futebol.

Casa a Venda

Vende-se uma casa sítio a rua S. Vicente, 527 (Chã de Oitavino), perto da cidade dos Funcionários, terreno próprio medindo 10x30m. A tratar na rua Cisalvanário Cruz das Armas, com o sr. Severino Genival da Silva.



BOA FASE — A ala esquerda botafoguense está em boa fase. Valdeci Santana e Nide, no flagrante, esperam repetir suas ótimas apresentações no cotejo noturno da "Graça".

Coluna do Ciclismo

P. P. C.

Reina o maior entusiasmo nos bastidores desta entidade, as providências tomadas em relação a grande passeata do próximo domingo em homenagem ao 10º aniversário da FPF. O desportista Luiz Góes da Silva, Presidente atual da entidade falando a nossa reportagem disse: — tudo está em ordem até o momento, mesmo vou desfilar em uma bicicleta.

C. C. P.

Este clube preside do a investida do desportista Manoel de Almeida à frente dos destinos da FPF, faz-se representar na sua posse no próximo sábado, com uma ala feminina. Vasco da Gama

Segundo conferimos apurar, os ciclistas vascoanos vão desfilar nas passeatas de domingo com o seguinte uniforme: — calças branca e camisas branca com faixa diagonal preta e cruz de malta vermelha. As bicicletas apresentar-se-ão com ornamentação idêntica às cores.

F. P. C.

Vai ser mesmo de a-bafar a turma do Vasco nesse desfile.

EDUCANDÁRIO

PARAIBANO

Primário — Admissão Curso de Dactilografia Diretor — Prof. Juarez Araújo — Matrículas abertas para ambos os sexos.

Local — Clube dos Veteranos de Jararibe — J. Pessoa — Pb.

CRD tem reunião à noite

Depois de um longo período de recesso, voltará a se reunir hoje à noite o Conselho Regional de Desportos, sob a presidência do desportista Gláucio Zaccara.

Na oportunidade o presidente do CRD vai fazer suas atividades na Guanabara, onde entrou em entendimentos com os presidentes da CBD, João Havelange e CMD, general Elói Menezes.

Para a reunião de hoje, que será efetuada no local de costume, a presidência do CRD convidou todos os membros a saber: Geraldo Cavalcanti, Valfredo Marques, Napoleão Medeiros e Getúlio Loureço.



SANTOS — Com todos os seus valores, os Santos esta noite, no Recife, jogarão amistosamente com a seleção pernambucana.

Brasil ausente de certames no exterior causa decepção

RIO, (Aspre) — Os meios esportivos brasileiros mostraram-se surpresos, nos últimos dias, por desinteressar a CBD em assuntos internacionais, ausentando-se do último sulamericano, a lém de desaconselhar Santos e Cruzeiro a competirem na Taca Libertadores das Américas.

Os entendidos no assunto apregoam tratar-se de um teste de forças, ou mesmo de uma réplica contra uruguaios, argentinos e chilenos que não a posaram, devidamente, a entidade brasileira, em sua revolta — inexpressiva — contra a FIFA por ocasião do último campeonato mundial.

No exterior — e particularmente entre os que intervierem no atual sulamericano — a impressão dominante é de que o Brasil tem os compromissos internacionais, após o malogro de sua representação na Taca Jules Rimet.

Aludem a uma possível vergonha ou falta de condições psicológicas do grupo brasileiro, que estaria se omitindo para ganhar tempo, a fim de refazer-se do golpe sofrido, contundente sobremaneira.

Um analista mais frio, após estudar, demoradamente, o assunto, chegou a conclusão que a CBD passa por uma fase de deslino, registrando-se a incapacidade de trabalho dos seus elementos antes bastante atuantes. O sr. João Havelange aproveitando-se de sua recondução à presidência da CBD, resolveu fazer alterações fundamentais no seu setor de futebol entregando este importante Departamento ao Almirante Heleno Nunes com assessoria do sr. A. Ibrahim Tebet.

O sr. Nunes é elemento bem intencionado, mas ao que se sabe, não tem vivência no esporte, tendo se limitado a colaborar na concentração de Teresopolis, por ocasião

de uma Copa de Mundo quando se comportou bem na única oportunidade que lhe foi dada; agora, as oportunidades são várias, pois a lista indicada para substituto eventual de Pelé ou seu parceiro ideal nas grandes jornadas internacionais.

Mineiro, introvertido em seu pequeno mundo, Tostão foi, ao revés, excoerente no grande mundo do futebol. Um garoto, Tostão surgiu no cenário esportivo e pouco depois foi convocado pela CB

da presença dos scratch men naquela localidade. Seu assessor, sr. Tebet, é antigo elemento da C.F.D., com serviços prestados, mas no setor de organização e no campo jurídico — não sendo, em tratando, um homem ateto aos problemas do futebol propriamente dito.

As entidades estaduais, logocamente, manterão seu apoio ao sr. João Havelange, mas estarão vigilantes sobre os propósitos dos homens que dirigem o setor de futebol, pois está em jogo um longo cotejo alcançado ao longo de muitos anos, e que não merece ser destruído tão rapidamente.

Acham-se à disposição dos senhores Acionistas, no escritório desta Companhia, a Praça Antenor Navarro, n. 47, os documentos a que se refere o artigo 99 do Decreto n. 2637, de 26 de Setembro de 1940.

João Pessoa, 01 de fevereiro de 1967

Cia. de Tecidos Paraibana

Nísio Ferreira Crespo

Diretor-Superintendente

"Companhia de Tecidos Paraibana"

Aviso aos Acionistas

Acham-se à disposição dos senhores Acionistas, no escritório desta Companhia, a Praça Antenor Navarro, n. 47, os documentos a que se refere o artigo 99 do Decreto n. 2637, de 26 de Setembro de 1940.

João Pessoa, 01 de fevereiro de 1967

Cia. de Tecidos Paraibana

Nísio Ferreira Crespo

Diretor-Superintendente

Testão e «Minas Gerais» cresceram um para outro

RIO (Aspre) O advento do Estádio Minas Gerais serviu para impulsionar vivamente o futebol mineiro, provocando uma metamorfose extraordinária, mas a par disso prestou-se a outro papel importante: o de servir de palco às "brincadeiras de Testão".

Testão jogando um cambinho pequeno, se ria e crezco que um quadro sem moldura — sem realce — dá a necessidade de um teatro

gigantesco para cenário de sua arte, com plateia combatível com o show. Há dois anos, Testão era do Testão na essência exata da palavra de valor discutível com prestigio baixo na cotação da bolsa de craques brasileiros, hoje é valor alto no mercado do futebol.

Um garoto, Testão surgiu no cenário esportivo e pouco depois foi convocado pela CB

D para a Copa de Mundo quando se comportou bem na única oportunidade que lhe foi dada; agora, as oportunidades são várias, pois a lista indicada para substituto eventual de Pelé ou seu parceiro ideal nas grandes jornadas internacionais.

Mineiro, introvertido em seu pequeno mundo, Testão foi, ao revés, excoerente no grande mundo do futebol. Um garoto, Testão surgiu no cenário esportivo e pouco depois foi convocado pela CB

troudu talento apreciável ao comparável mesmo ao extraordinário Pelé. Hoje, Testão vale centenas de milhares de cruzeiros é um jovem atetuado, cuidadoso, com todas as características interiores, mas certamente sabe o que quer e, sobretudo, entende que será uma das bases de sustentação da seleção brasileira em seus próximos compromissos no exterior.

Santos aceitou amistoso para mostrar Iris e Zito

Pela taxa de 300 mil cruzeiros, o Santos Futebol Clube, desta Capital, vai receber à noite de hoje no Recife, de modo a jogar amistosamente com a seleção pernambucana na "ilha do Lido". O "Tigre" atuará com todos os valores que defenderam a seleção paraibana nos recentes jogos administrativos do Campeonato Brasileiro de Juveniores ocorridos no Recife.

Os jogadores Zito (atacante) e Iris (golheiro) serão as principais figuras santistas, pois ambos estão sendo pretendidos por clubes pernambucanos, como é o caso do Esporte e Santa Cruz.

A diretoria santista indicou o nome do sr. Erlison Gouveia para arbitragem e esta noite o Santos atuará com Iris, Germano José, Raimundo, Carrilho e Ze Valtier, Vulca e Zélio; Da Silva, Zito, Wellington e Charuto.

Os pernambucanos atuarão com Di, da, Daniel, Zecú, Luis Jorge e Clóvis;

Luciano e Ze Reis; Culca, Bife, Fernão do Santana e Joséuldo.

A delegação do Santos partirá para Recife às primeiras horas da tarde de hoje, em transporte especial, sob a presidência de José Valtier.

No Recife, o Santos manterá conversações com os clubes Santa Cruz e Esporte a respeito da venda dos passes de Zito e Iris.

Luciano e Ze Reis; Culca, Bife, Fernão do Santana e Joséuldo.

A delegação do Santos partirá para Recife às primeiras horas da tarde de hoje, em transporte especial, sob a presidência de José Valtier.

No Recife, o Santos manterá conversações com os clubes Santa Cruz e Esporte a respeito da venda dos passes de Zito e Iris.

troudu talento apreciável ao comparável mesmo ao extraordinário Pelé. Hoje, Testão vale centenas de milhares de cruzeiros é um jovem atetuado, cuidadoso, com todas as características interiores, mas certamente sabe o que quer e, sobretudo, entende que será uma das bases de sustentação da seleção brasileira em seus próximos compromissos no exterior.

troudu talento apreciável ao comparável mesmo ao extraordinário Pelé. Hoje, Testão vale centenas de milhares de cruzeiros é um jovem atetuado, cuidadoso, com todas as características interiores, mas certamente sabe o que quer e, sobretudo, entende que será uma das bases de sustentação da seleção brasileira em seus próximos compromissos no exterior.

troudu talento apreciável ao comparável mesmo ao extraordinário Pelé. Hoje, Testão vale centenas de milhares de cruzeiros é um jovem atetuado, cuidadoso, com todas as características interiores, mas certamente sabe o que quer e, sobretudo, entende que será uma das bases de sustentação da seleção brasileira em seus próximos compromissos no exterior.

Como fora divulgado anteriormente, teremos na noite de hoje a efetivação do embarque revanche, entre as representações do Botafogo e do Campiense. Este encontro será jogado no Estádio Leopoldo da Silveira, e até o momento a reportagem desconhece o trio responsável de a direção de referido cotejo.

Solicitação

Também esta noite iremos a continuidade das aulas relativas ao Curso de Arbitros instituído pelo DA desta Mentora. O sr. João Batista Cruz, diretor daquele órgão, está convidando a presença de todos os desportistas inscritos no citado curso.

Conforme a nossa reportagem, a situação financeira da Federação Paraibana de Futebol é dos mais críticas, pois a maior parte das reservas existentes no cofre da Mentora foram empregados no preparo da Seleção Juvenil da Paraíba, que recentemente disputou as eliminatórias do "V Brasil" da modalidade, realizadas no Recife. Preocupado

Bastante preocupado com a presente situação o Major João Junqueira Viana, tesoureiro desta Entidade, no momento em que efetuava o pagamento dos funcionários da FPF, relativo ao mês de janeiro, ressaltou que para o próximo mês, talvez não seja possível a efetivação de outro pagamento, isto evidentemente se levantando em consideração a atual crise que atinge o setor financeiro da Federação Paraibana de Futebol. Prejudicado

Por outro lado, a reportagem tomou conhecimento de que os mais prejudicados com o abandono das franquias da Mentora da rua das Trincheiras, foram os próprios funcionários desta Entidade, que ficaram privados de receber o aumento prometido pelo direção da Federação Paraibana de Futebol. Azú Certo

Em todo acontecimento, sempre a verdade precisa vir à tona, no sentido de esclarecer certas inverdades. Realmente isto aconteceu com relação aos comitês enviados pela Secretaria da FPF para a posse do sr. Genival Leal de Menezes, realizada em 30/01/67. E' bom que se diga, na ânsia de quem convidar todo mundo, a Secretaria da Mentora achou de enviar um convite de última hora à presidência da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba. Sentindo-se ferido nos seus bríos, o que não era para menos, aquele presidente, acertadamente, recusou o convite de FPF, e eleitou os seus associados para não comparecer ao local em seria realizada a mencionada posse. Adianta que esteve presente às solenidades daquela noite, não só como convidado, mas também como profissional, pois obrigatoriamente, tendo que comparecer diariamente, exceto aos domingos à sede da Federação Paraibana de Futebol à cata de notícias para a coluna. Assim fez do, tendo o privilégio de comprovar a veracidade dos fatos.

Dumáσιο SOUZA.

Instalada sexta Legislatura com posse dos novos eleitos

Com início às 15hs., a Assembléa Legislativa realizou ontem a primeira reunião preparatória para apresentação dos diplomas dos novos deputados eicitos e instalação da 6a. Legislatura.

A sessão foi presidida pelo deputado Clovis Bezerra, secretariado pelos deputados José Fernandes de Lima e Alvaro Gaudêncio.

A SOLEMNIDADE

Iniciada a sessão, o presidente procedeu à chamada nominal dos novos de-

putados, tendo comparecido e apresentado seus diplomas trinta e oito parlamentares. Deixaram de comparecer os srs. Egidio da Silva Madruga e Balduino Minervino de Carvalho.

Em seguida, todo o plenário, de pé, prestou o compromisso de estlo. E o presidente marcou, para às 18hs., de hoje a sessão solene de eleição dos novos membros da Mesa.

OS EMPOSSADOS

E a seguinte a relação dos novos deputados que ontem tomaram posse:

ARENA 1 — Clóvis Bezerra Cavalcanti, Otávio Maria Maia, Epitácio Leite Rolim, Alvaro Gaudêncio de Queiroz, Francisco Pereira, José Braz do Rêgo, José Pereira da Costa, Luiz Ferreira Barros, Edivaldo Fernandes de Moraes, Inácio Bento de Moraes, Romeu Gonçalves de Abranches, Agnaldo Veioso Borges, Antonio de Araújo Quinho, Antonio Santiago, Francisco Souto Neto, Augusto Ferreira Ramos, Luiz Ribeiro Coutinho, João Batista Brandão e Robson Duarte Eszpinola.

ARENA 2 — Carlos Pessôa Filho, José Lacerda Neto, Jonas Leite Chaves, Francisco de Assis Camaló, Nivaldo de Farias Brito.

MDB — Ronaldo José da Cunha Lima, Inácio

Pedroza Sobrinho, José Fernandes de Lima, Laércio Pires de Sousa, Mário Silveira, Antonio de Paula Gadilha, Azul de Arruda Assis, José Targino Maranhão, Sebastião Calisto de Araújo, José Afonso Gayoso de Sousa, Luiz Gonzaga de Miranda Freire, Aloysio Pereira Lima, Orlando Cavalcanti de Melo e José Soares de Figueiredo.

SUPLENTE

ARENA — Silvio Pórtio, Antonio Leite Monteiro, Nominando Muniz Dietz, Diógenes Moraes Martins, José Edmundo Estrada, Antonio de Padua Carvalho, Sismundo Souto Maior, Severino Cabral de Souza, Severino Ismael de Oliveira, Waldir dos Santos Lima, João

Franco da Costa, João Cabral Batista, Euvaldo da Silva Brito, João Cavaliha de Oliveira, João Bôseo Carneiro, Abrial de Souza Rollin, Antonio Alves Pimentel, Terçilio Cruz, Noldo Moreira Dantas, Francisco Aldo da Silva, Sebastião Lins, Agamenon da Cunha Lima e Osvaldo Cascardo.

MDB — José Alves de Lira, Cesláu da Costa Gadelha Filho, Desmoulin Wanderley, Epitácio Vieira de Queiroz, Ronaldo de Queiroz Fernandes, Janduy Suassuna Saldaña, Orlando Vendicido dos Santos, Zeu Palmeira, Romero Abdon Queiroz da Nóbrega, Rui de Andrade Gouveia, Amélio de Miranda Leite, Pedro Bonifácio de Araújo, Balduino Lelis de Farias e Abdias da Matta Ribeiro.

GOVERNADOR ENTREVISTADO PELA REVISTA "REALIDADE"

Precedente de outros Estados do país, onde leva a cabo uma série de reportagens sobre os diversos Governos Estaduais, esteve ontem em João Pessoa o jornalista Luiz Fernando Mercadante, redator da revista "Realidade", um dos mais prestigiosos órgãos da imprensa nacional.

Nesta capital, o veterano contratado dos jornais carioca e paulista foi recebido pelos jornalistas Jo-

sefa, e Francisco Saldaña, ambos do Palácio da Federação, com os quais percorreu os principais pontos turísticos da cidade, dela colheu a mais favorável impressão.

A tarde, após haver almoçado no restaurante do Esporte Clube Cabo Branco em Miramar, o jornalista Luiz Fernando Mercadante entrevistou-se com o governador João Arrimão na residência do Chefe do Executivo, na praia de Tamborá. A conversa intem-

AVIÃO DA FAB DECAPITOU DELEGADO DA CBD E FERIU UMA BANCÁRIA NA TIJUCA

RIO, 1 (ASAPRESS) — A morte para o delegado da CBD, Antônio José da Costa Henrique (casado), 39 anos, Rua Coronel Cabrita, 33, São Cristóvão, chegou na manhã de ontem, de maneira pouco comum e num dos recantos mais belos da Guanabara, a Barra da Tijuca. Ele estava ao lado do seu carro "Volksvagen", à chapa GB-12-45-43, conversando com a juvevem Bancária Nair Pereira Vale (casada, 26 anos, Rua M-rechal Fock, 162, Bonsucesso), quando foi decapitado pelo avião da FAB, do tipo "NA", número 12.520.

O aparelho, empregado em exercícios, era piloto do tenente Jorge Carvalho Júnior (solteiro, 22 anos) e co-piloto do pelo aspirante Pádua Pereira Silveira (solteiro, 22 anos). O mais impressionante do acidente, é que o carro de Antônio José, era o único existente numa área de cinco quilômetros, o que demonstra que os ocupantes do pequeno avião quiseram "brincar", realizando vooz rasantes sobre o canal.

Morte Horível

Pouco se pôde apurar sobre o desastre, de vez que Nair Pereira Vale, que sofreu fratura exposta do antebraço esquerdo, foi levada para o Hospital Miguel Couto, e de lá retornada às pressas, pelo marido.

Entretanto, informações colhidas no local, dão conta de que os

ocupantes do "NA", numa bricoladeira perniciosa, passaram a sobreviver o local em que o canal se encontra, obrigando, algumas vezes, a abater xarope. Numa dessas Manobras, o piloto calculou mal a altura e arremeteu decapitando o pobre homem, que teve morte horrível. Seu corpo foi projetado sobre as areias, enquanto o aparelho a cair alguns metros adiante.

O tenente e o aspirante também ficaram feridos, sendo levados inicialmente, para o Hospital Lourenço Jorge situado na Barra e, posteriormente, para o Hospital Miguel Couto, mais tarde, foram removidos para o Hospital da Corporação.

A FAB abriu inquérito, enquanto o fato era registrado pelas autoridades da 32a. Delegacia Distrital.



O Rio vestido para receber Momo

Rio já tem decoração para reinado de Momo

RIO, 1 (ASP) — Presidente Vargas, Artilharcadas, Rio Branco, Tabeleiro da Baiana e outros locais. Já estão vestidos para o Carnaval Carioca que se aproxima. A Secretaria de Turismo concorrencia. Agora, todo o seu esforço para a conclusão da decoração do centro da cidade e dos bairros da zona sul e zona norte.

Decoração

Com as arribançadas prontas, os grupos de o-

meiros que ali trabalhavam foram deslocados para a colocação dos últimos painéis no centro da cidade. Foi concluído hoje, o painel decorativo a Igreja da Candelária, medindo mais de quinze metros de altura. Mais de meia centena de operários ali trabalharam. Unindo-se ao estorço do departamento de Certames para Estruturar a cidade vestida na data marcada. O Painel da Presidente Vargas é uma espécie de muro de fundo para o cenário dos desfiles que ali se realizam: Frevo, Ranchos, Escolas de Samba e grandes sociedades Compositores de pequenos quadros decoraivos nos tons azul claro e escuro. Além do branco e tem à sua frente três grandes telas, encimada, uma delas por cores estilizada.

Também os painéis laterais às arribançadas

de se encontram instalados, faltando apenas a iluminação à frente e que será inaugurada pelo governador Negreiros de Lima há noite da quarta-feira.

Taboleiro da Baiana, Rio Branco, Praça Onze e Praça Mauá, estão recebendo, também, os retoques finais de suas fantasias, enquanto que a secretaria de Turismo abriu concorrência para a confecção de corétes e bandas de músicos para os subúrbios.

Gonçalves, que realizou sábado uma batalha de confete intitulada "Rio Antigo", recebeu a apenas, como decoração, bambarras e grandes painéis.

Iluminação — Conquanto a secretaria de Turismo anuncia a iluminação feérica da cidade durante o carnaval e o Rio Light garantia que não haverá cortes.

A população mostra-se apreensiva, notadamente os bairros mais distantes, pois até agora nenhuma providência foi tomada para a colocação de gabiarras e enfeites luminosos para os dias de Momo.

Mesmo a iluminação do centro da cidade é, ainda, certa incógnita, pois não se fixaram testes, como costumam ocorrer nos anos anteriores.

Desfiles — Por outro lado, deixam de variar uma sombra de dúvida sobre a animação do carnaval deste ano, a limitação de trinta minutos para desfile de cada escola compõe, sem empanar bastante o brilho do espetáculo que é aguardado com ansiedade, pois tomazse quase impossível fazer desfilar uma grande escola numque período de tempo.

Desempenho — A limitação imposta pela Secretaria de Turismo poderá matar o carnaval carioca, caso o povo carioca não entre com boa dose de espontaneidade e entusiasmo.

RIO, 1 (ASP) — Está funcionando um Ministério extraordinário para coordenação de organismos regionais do grupo de trabalho destinado a sugerir medidas à execução do decreto que se refere ao aumento de ajuda em favor da Amazônia. Será sugerida, entre outras medidas, a criação de um mecanismo para captar recursos externos.

ESPORTE CLUBE CABO BRANCO

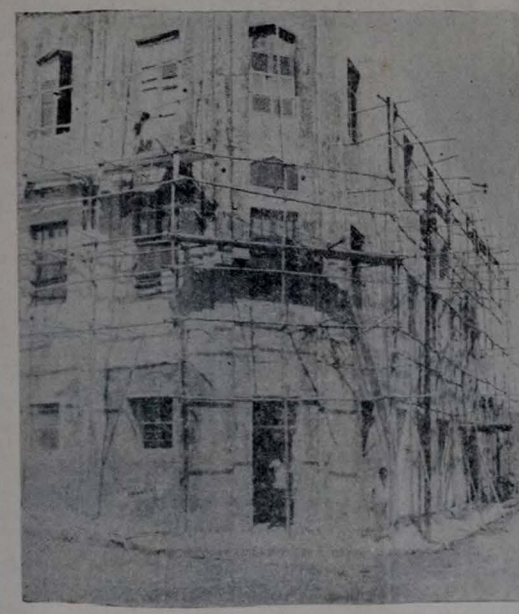
CARNAVAL DE 1967

Providências da Diretoria

A DIRETORIA DO ESPORTE CLUBE CABO BRANCO deliberou tomar as seguintes providências para o CARNAVAL deste ano:

- I) — promover 4 (quatro) bailes carnavalescos nos dias 4, 5, 6 e 7 de fevereiro, com início às 22h30m, e duas matinées infantis nos dias 5 e 7, das 16 às 19 horas;
- II) — para estas festividades tocarão as orquestras "TABAJARA", desta capital, e a "MARAJOARA", do Recife;
- III) — fornecer ingresso especial a hóspedes ou visitantes de sócios, mediante requerimento destes à Diretoria, acompanhado de duas fotografias tamanho 3x4, sendo rigorosamente observado o disposto no art. 23 dos Estatutos;
- IV) — à Portaria do Clube será exigida, sem exceção, a identificação do sócio, seu dependente, hóspede ou visitante e dos convidados, que deverão apresentar INDIVIDUALMENTE a sua carteira, ingresso especial e convite, além do recibo n.º 2/67 dos sócios contribuintes;
- V) — não distribuir convites, exceção às principais autoridades;
- VI) — punir o associado, seu dependente, hóspede ou visitante que se negar a exibir a identificação social, quando solicitada por qualquer Diretor;
- VII) — sempre que julgar necessário, qualquer Diretor poderá convidar os mascarados a se identificarem;
- VIII) — instituir 2 (dois) concursos de fantasias, com prêmios especiais, sendo: um para crianças (luxo, beleza e originalidade) no domingo, 5, às 16 (seis) horas, e outro para adultos (luxo, beleza e originalidade), no mesmo dia, às 22 (vinte e duas) horas, devendo as inscrições dos candidatos serem feitas até às 14 (quatorze) horas do Sábado Gordoniano do Diretor Social;
- IX) — proibir, sob qualquer pretexto, o uso de pó ou banhaes d'água;
- X) — proibir trajes de calção ou assombrados que denonhem contra o decoreto retirado da pista de dança as pessoas que estejam fumando, conduzindo copos ou Barrafas;
- XI) — proibir terminantemente a permanência em pé, de pessoas ao redor de "dancings", as quais serão retiradas do recinto do Clube em caso de reincidência;
- XII) — eliminar, sumariamente, o sócio que for encontrado portando arma;
- XIII) — proibir a venda de bebidas alcoólicas a menores de 18 (dezoito) anos;
- XIV) — não permitir aos sócios conduzirem alimentos e bebidas para os Clubes;
- XV) — dar inteira colaboração ao Juizado de Menores na fiscalização dos bailes noturnos e nas matinées infantis;
- XVI) — manter policiamento ostensivo, a fim de coibir abusos alcoólicos e quaisquer outros excessos;
- XVII) — o Departamento Médico do Cluby funcionará, com socorros de urgência, na enfermaria da sede do Jardim Miramar, durante os festejos carnavalescos.

João Pessoa, em 03 de janeiro de 1967



CUIDANDO DA CASA

O prefeito Damásio Franca não só procura servir à população pessoeira, proporcionando-lhe melhoramentos do ponto de vista urbanístico e social. Também a Prefeitura Municipal de João Pessoa tem merecido cuidados especiais. O Edil "cuida da casa", promovendo substituições reformas no prédio da PMJP (foto). Essas reformas estarão prontas em março próximo.

Farmácia de plantão

HOJE — CENTRAL Ponto de Cem Reis

ERNANI SÁTIRO LIBERA VERBAS PARA PARAIBA

O deputado federal Ernani Sátiro conseguiu a liberação de verbas para a Paraíba, as quais, em grande parte, destinam-se à região sertaneja, principalmente para conclusão das obras do prédio da Maternidade "Capitulina Sátiro" e Colégio "Cristo Rei" da cidade de Patos, além de vários melhoramentos no município de Quixaba, que irá receber brevemente energia elétrica, através da SAELPA.

A direção do Colégio "Cristo Rei" recebeu 2 milhões de cruzeiros, em quanto foram destinados 27 milhões para o término das obras da Maternidade Capitulina Sátiro". A Prefeitura Municipal de Quixaba coube a importância de 30 milhões de cruzeiros, os quais serão empregados no seu sistema de eletrificação, instalação de serviços de comunicação com telefones semi-automáticos, aquisição da geradora, motores e transformadores. A eletrificação de Quixaba acarretará grande desenvolvimento naquela área do sertão paraibano, onde as frentes de trabalho da SUDENE vêm tendo maior atuação. Por outro lado, o sr. Eduardo Pereira, prefeito de Quixaba, deverá concluir na pa-

Convento de São Francisco:

400 ANOS DE ARTE BARRÓCA E VÁRIOS DE ABANDONO

Texto e Fotos: Rafael MORORO



Mural em azulejos representando a trama de que foi vítima José do Egito

Parece que foi outro dia. Em virtude da ida dos meus para Cabedelo onde meu pai ia trabalhar nas oficinas do Porto, ficamos hospedados na casa dos Santos Coelho, na Rua Duque de Caxias, onde morava minha avó. Tudo nos pareceu nos primeiros dias sonhos de fada. Rua calçada, vizinhos calados e meios distantes, tão diferentes do bairro humilde e ruas esburacadas, onde a poeta, as roupas coloridas estendidas a secar nas cercas de varas, e a algazarra dos garotos em suas correrias, fazia o meu mundo de menino feliz e sem preocupações. Pirau, garoto que minha avó criava nos convidou um domingo para o primeiro passeio matinal pelas redondezas. Juntamente com os filhos do Professor Medeiros e o galgo Áureo caímos numa verdadeira patrulha de reconhecimento. Rua Nova, Casa da Pólvora e o sítio do Seu Guimarães foram os primeiros lugares visitados. A Casa da Pólvora onde entramos fomos recebidos por uma verdadeira nuvem de morcegos e os nossos olhos pela primeira vez viram de perto uma obra de arte.

Feito o rapa nas goiabas do sítio, rumamos para a Igreja de São Francisco da qual só conhecíamos a fachada. Lá, então, sentimos a grandeza e o fausto da Igreja Romana dos tempos dos nossos antepassados. O ouro dos altares, a pintura do forro, os desenhos em pedra sabão dos portais, os entalhes dos móveis, os murais em azulejo contando a história de José do Egito e o silêncio tumular nos envolveu de tal maneira, que ao olhar o púlpito magestoso nos deu a impressão que ele se sustinha por mãos invisíveis. Tudo isto nos pareceu que aquela obra não era feita pela mão do homem e sim por algo maior, a mão de Deus em toda a sua onipotência. Longe estávamos em saber que aquela obra grandiosa, era e é, o maior monumento de Arte Barróca da Paraíba e do Nordeste.

Este primeiro encontro com São Francisco ficou gravado em toda nossa vida. O tempo passa e recordações indelévelis vão ficando, mas no seu correr vamos aprendendo mais, tomando conhecimento de outros mundos e sentindo a vida como ela é na sua crua e dura realidade. Desde aquele dia que lá se vão quase quarenta anos, o Convento de São Francisco se tornou para nós como se fosse uma coisa nossa. Aprendemos a lhe querer bem e a frequentá-lo. Sem sermos católicos praticantes lá no silêncio da sua nave e na grandeza da sua arte é que encontramos nos dias aflitos, a paz desejada.

São Francisco dos nossos tempos não mais criminoso dos abandonos dá-nos a impressão que os homens perderam a noção de tudo e relegam ao esquecimento as coisas que lhes são mais caras. A avalanche de incompreensões e desespéros em que se debate a nossa gente, aniquilada pela inflação e toda sorte de desastres de que tem sido vítima o povo brasileiro, parece que tem jogado os seus reflexos no velho templo, outorça orgulho de nossa cidade. Por pena se entrar naquela casa de Deus onde o esplendor das suas obras d'arte contradiam em outras épocas os séres humanos para o convento do Mestre. Tudo parece que morreu, só dando algum sinal de vida, as pancadas dos martelos e alguns operários, na faina cotidiana que se arrasta há vários anos num trabalho de restauração que nunca acaba, sob a orientação do Patrimônio Histórico Nacional, que pouco se incomoda. Aquêles homens rústicos que trabalham para que o nosso maior monumento de Arte não desapareça de vez, mais parecem um núcleo nos últimos esforços à cabeceira do moribundo desenganado.

O velho Convento da minha memória na Rua Duque de Caxias está perdendo a sua majestade. Na sujeira do seu frontispício, das suas torres e do seu cruzeiro. Tudo ali parece perdido, pois uma onda de desprêzo se apodera da nossa gente.

da Gama e Mélo iniciou uma campanha através da Imprensa, para que no seu adro fosse implantado o parque Barroco de nossa terra. Seria o núcleo de volta do velho templo ao esplendor do passado e na certa o Patrimônio, povo e Governo, o olhariam com mais carinho. Tudo ficou nas páginas dos jornais e nada de concreto foi realizado, até que aconteceu o pior, o Seminário Arquidiocesano mudou-se para outro prédio levando consigo alguns móveis que o deixaram como uma casa desabitada. Ah! e que tudo piorou pois antes os seminaristas ainda o olhavam com certa ternura e a presença de séres humanos, e vitava que outros séres humanos, menos humanos, o danificasse ou molestasse como está acontecendo.

Os paribanos não devem deixar que o seu maior Monumento Artístico tenha o mesmo fim da fortaleza de Cabedelo ou a da igreja do Póço, a qual até as ruínas estão desaparecendo. Urge uma providência para que não tenhamos de legar as gerações futuras este crime de descaço, pelo que ainda nos pertence. Está na hora de ser criada uma Sociedade composta de todos aqueles que desejam trabalhar pela restauração e conservação do velho convento. Clero, Patrimônio Histórico, Governo e povo, a qual funcionaria com personalidade Jurídica para maior facilidade de movimentação de verbas que decerto a nossa bancada na Câmara Federal, sem distinção de partidos arranjaria através dos canais competentes. Seu nome poderia ser — "FUNDACÃO DE CONSERVAÇÃO DO CONVENTO E IGREJA DE SÃO FRANCISCO." Seria um passo à frente para que as gerações que vêm por ahi, não se decepcionem de tudo com a nossa que está entregando tudo, sem uma palavra de protesto sem um grito de revolta, encarregando-se a FUNDACÃO do Museu de Arte Sacra no mesmo local.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A Igreja e Convento de São Francisco é fruto de uma solicitação de Frutuoso Barbosa em 1838 aos religiosos franciscanos, para manutenção do culto e conversão do gentio. Teve seus estudos iniciados em 1840 pelo guardião, frei Antônio do Campo Mayor que aqui ficou até 1891, na faina de localizar o terreno e converter os indígenas das aldeias de Alamaça, Praya, Assento do Passaro, Joanne e Marugue. A planta foi delineada por frei Francisco dos Santos e no primeiro ano apenas edificaram uma igreja e pequena habitação para a residência dos frades. A obra grandiosa que hoje conhecemos só teve seu início em 1686, com a mesma morosidade de sua restauração nos anos que correm, pois se arrastaram por 123 anos, sendo sua conclusão, segundo inscrição em seu frontispício datada de 1779. O altar mór foi sagrado pelo bispo de Pernambuco, dom José Fialho, em 1734, sendo Presidente in capite, frei Sebastião Santa Rosa.

OBRAS D'ARTE

Dentre as obras de arte lá existentes podemos destacar, o mural em azulejos, representando a trama de que foi vítima José do Egito, principalmente a interpretação do seu sonho das vacas gordas e magras. O púlpito, riquíssima obra d'arte, em talha dourada, com as armas da ordem ledozadas a pelas cinco chagas do Senhor. O forro com seu magnífico painel representando a figura de um suntuoso templo, com seus balcões em que estão sentados figuras de Papas e Cardeais; esbeltas colunas sustentam o Céu composto de duas seções, uma a ascensão de Cristo e outra de São Francisco, a glória Celeste, tendo em cada ângulo um personagem representando as partes do mundo então conhecidas, Europa, Ásia, África e América e, anjos com clarins na boca acompanhando as frases Bíblicas alusivas ao quadro. A sacristia dedicada à Nossa Senhora do Rosário ostenta móveis de Jacarandá, destacando-se entre eles uma cómoda e um armário; um lavatório em

pedra calcária trabalhada representando quatro golfinhos e as armas de São Francisco. Seria então possível enumerar numa reportagem os tesouros artísticos ali existentes, a beleza da capela de Ordem Terceira de São Francisco a "Casa dos Exerícios" dos Terceiros de São Francisco a majestade das contras internas, o cemitério e sepulturas, a fonte de Santo Antônio e muitos outros tesouros que o tempo está cruelmente impedidamente.

SERVINDO AO GOVERNO E O POVO

Os serviços prestados pelo velho convento foram os mais variados através dos tempos. Moradia de governadores, hospital, escola de Aprendizes Marinheiros, Seminários, escola de catequese de índios e muitas outras. Merece portanto melhor destino, pois até o holandês rei, que nos dominou por vários anos lhe respeitou a grandeza de suas obras d'arte. Fica aqui a idéia da Fundação para restauração e conservação do mesmo monumento artístico. Que o povo parabaiano se nesta campanha que iniciada por Virgínia da Gama e Mélo, é hoje por nós lembrada, como um pequeno sopro no fogo quase apagado da sua idéia. Um povo que não preserva as reliquias do seu passado, é um povo sem presente e sem futuro.

SE O EXEMPLO PEGASSE...

Evidentes que seja aposto no futuro, o mesmo epitáfio que a seu pedido mandou fazer na lápide de sua sepultura o Capitão-Mór Pedro Monteiro de Macedo, que governou esta Capitania e faleceu em 1744, dizendo éle que assim o queria para que todos os pirassem os seus restos mortais, em reparação ao seu mau governo. Lápide que poderia ser aposta na sepultura de muita gente, se essa mesma gente tivesse noção de auto-crítica.

AQUI JAZ PEDRO MONTEIRO DE MACEDO QUE POR GOVERNAR MAL ESTA CAPITANIA QUER QUE TODOS O PIZEM E A TODOS PEDE UM PALBRE NOSSO E UMA AVE MARIA, PELO L-MOR DE DEUS — 1744

Infortunadamente esta lápide desapareceu.

NOTA

Esta reportagem já estava composta quando encontramos o nosso amigo Bastos, que há vários anos gereencia a propriedade Guia onde os Carmelitas exerceram um convento. Hoje, resta apenas a igreja, o maior monumento de Arte Barróca Erudita do Nordeste brasileiro. Seu frontispício em pedra sabão trabalhada é um verdadeiro tesouro, onde o autor decerto nativo fez questão de representar frutos tropicais notadamente, cajá, abacaxi, banana e manga. Está em piores condições do que São Francisco, pois o Patrimônio Histórico Nacional nem no bater do martelo de um operário qualquer ali se faz presente. Por ironia do destino abelhas nos taram ali um cortiço e o mel jorra do nicho ali enclavado, ameaçando a sua destruição.

No corpo desta reportagem sugerimos a criação de uma organização que tomasse a si a tarefa de defender o Convento e Igreja de São Francisco. Diante do descaço em que estão relegados os nossos Monumentos Históricos, resolvemos então lançar a idéia de uma coisa maior. A "FUNDACÃO DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS DA PARAÍBA". Este seria o seu nome abençoado respeitando como de direito a direção dos trabalhos a serem executados pelos artistas especializados do Patrimônio Histórico. O trabalho da nova organização seria de alertar aquela gente, organizar o Museu de Arte Sacra conseguindo verbas extraordinárias para a continuação dos serviços, fiscalizar os trabalhos etc.

O que não devemos consentir é que se deixe o tempo destruir, a maior herança dos nossos antepassados, convida a não presente para as gerações futuras.

Está lançada a idéia.

N. A. — Os dados históricos inseridos nesta reportagem foram colhidos no livro do historiador parabaiano Cenejo Florentino Barbosa — "Monumentos Históricos da Paraíba".



Painel do forro figurando a ascensão de Cristo e São Francisco a corte Celestial.



Detalhe da parte inferior do púlpito vendo-se a pomba símbolo do Espírito Santo.

PARQUE BARROCO

Alguns anos atrás, o escritor Virgínia